



UFMT

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

ELIZAURA MARIA ALVES DA SILVA RIBBANE

**A INTUIÇÃO COMO MÉTODO FILOSÓFICO E A CONCILIAÇÃO ENTRE
FILOSOFIA E CIÊNCIA EM BERGSON**

CUIABÁ-MT

2021



UFMT

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

ELIZAURA MARIA ALVES DA SILVA RIHBANE

**A INTUIÇÃO COMO MÉTODO FILOSÓFICO E A CONCILIAÇÃO ENTRE
FILOSOFIA E CIÊNCIA EM BERGSON**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da UFMT, como requisito para obtenção do título de mestre, sob a orientação do Professor Dr. Mario Spezzapria.

CUIABÁ-MT

2021



UFMT

TERMO DE APROVAÇÃO

ELIZAURA MARIA ALVES DA SILVA RIHBANE

**A INTUIÇÃO COMO MÉTODO FILOSÓFICO E A CONCILIAÇÃO ENTRE
FILOSOFIA E CIÊNCIA EM BERGSON**

Dissertação defendida em 31/03/2021, como requisito para obtenção do título de Mestre em
Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso.

Aprovada em 31 de março de 2021.

Prof. Dr. Bernardo Gonçalves Alonso (Membro interno) – UFMT

Prof.^a Dr.^a Bárbara Yadira Mellado Perez (Membro Externo) – FATEC SENAI MT

Prof. Dr. Mario Spezzapria (Presidente) – UFMT

Cuiabá-MT

2021

O presente não é um passado em potência, ele é o momento da escolha e da ação.

Simone Beauvoir

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.

Clifford Geertz

RESUMO

RIHBANE, Elizaura M. A. S. **A intuição como método filosófico e a conciliação entre filosofia e ciência em Bergson.** 2021. Dissertação (Mestrado de filosofia) Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT. 2021

Bergson é o precursor da renovação da metafísica. Pretendemos neste trabalho demonstrar seus principais conceitos e suas principais ideias acerca do método intuitivo e de sua proposta de conciliação entre filosofia e ciência. A dissertação aborda seus estudos sobre matéria e memória, para uma análise da duração como movimento e mudança que permitem a liberdade. O determinismo científico também é compreendido como resultado de uma ciência que cria imobilidades para agir sobre a matéria, ou seja, calcular e prever. Diante do movimento e da mudança que permitem a liberdade também é possível identificar a evolução e a criação através de uma intuição da duração. Nesse processo evolutivo encontramos três fluxos, pelos quais os seres vivos tendem a se desenvolver: o instinto, a inteligência e a intuição. Depois de esclarecer as ideias de Bergson sobre a duração, o movimento e a liberdade, e ainda, a sua concepção de evolução, será possível transcorrer a respeito do método intuitivo, que o nosso autor identifica como o método *filosófico*, que difere do método científico. Os dois lidam com objetos distintos; enquanto o espírito está voltado para a filosofia, a matéria inerte está voltada para a ciência. Podemos observar as regras do método e a metafísica como parte da experiência que pode nos fornecer um conhecimento do todo, e, ampliando o entendimento da relação entre inteligência e intuição, a fim de vislumbrar uma metafísica positiva e uma ciência voltada para a realidade. Por fim, acenar à conciliação possível entre filosofia e ciência, bem como do espírito e da matéria e do físico e metafísico, que é a finalidade de toda a teoria bergsoniana acerca do tempo e do espaço.

Palavras-chaves: Filosofia; ciência; método; metafísica.

ABSTRACT

RIHBANE, Elizaura M. A. S. **A intuição como método filosófico e a conciliação entre filosofia e ciência em Bergson.** 2021. Dissertação (Mestrado de filosofia) Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT. 2021

Bergson is the precursor in the renewal of philosophy. In this work, we aim to show his main conceptions and his main ideas around the intuitive method and his proposal of conciliation between philosophy and science. This dissertation will deal with his research on matter and memory, for an analysis of duration as movement and change, which permits liberty. The scientific determinism also will be comprehended as the results of a science that creates immobilisation to act upon matter, i. e., calculate and predict. In movement and change allowing liberty, we can identify evolution and creation, by means of an intuition of duration. In this evolutive process we will find out three fluxes, in which the living beings tend to develop: instinct, intelligence and intuition. After explaining Bergson's ideas on duration, movement and liberty, as well as his conception of evolution, it will be possible to talk of the intuitive method, which our author identifies as the *philosophical* method, different from the scientific method. Both of them deal with different objects: while spirit is addressed to philosophy, dead matter is addressed to science. We will see the rules of method and metaphysics as a part of experience which can provide us with a knowledge of the whole, and, widening the understanding of the relationship between intelligence and intuition, we will be able to glimpse a positive metaphysics and a science addressed to reality. Lastly, we will mention a possible conciliation between philosophy and science, as well as between spirit and matter and physics and metaphysics, which is the purpose of all the Bergsonian theory about time and space.

Key words: Philosophy, Science, Method, Metaphysics

LISTA DE ABREVIATURAS

DI - *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência* (1889)

MM - *Matéria e Memória* (1897)

EC - *A Evolução Criadora* (1907)

EE - *A Energia Espiritual* (1919)

DS - *Duração e Simultaneidade* (1922)

MR - *As duas Fontes da Moral e da Religião* (1932)

PM - *O Pensamento e o Movente* (1934)

Sumário

1. INTRODUÇÃO	08
2. CONTEXTO INTELECTUAL.....	11
3. MATÉRIA E MEMÓRIA.....	15
3.1. A DURAÇÃO.....	17
3.2. MOVIMENTO E MUDANÇA	19
3.3. A LIBERDADE E O DETERMINISMO	22
3.3.1. DETERMINISMO CIENTÍFICO.....	29
3.4. EVOLUÇÃO E CRIAÇÃO	35
3.4.1. INTELIGÊNCIA, INSTINTO E INTUIÇÃO	37
4. O MÉTODO INTUITIVO	42
4.1. AS REGRAS DO MÉTODO.....	42
4.2. A METAFÍSICA IMANENTE À VIDA.....	45
4.2.1. O NADA E A IMUTABILIDADE	47
4.3. A RELAÇÃO ENTRE INTELIGÊNCIA E INTUIÇÃO	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: FILOSOFIA E CIÊNCIA	58
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

1. INTRODUÇÃO

Os estudos realizados sobre as ideias bergsonianas proporcionaram a expansão do interesse por esse filósofo contemporâneo, que escreve de forma clara sobre os problemas da filosofia de sua época, que perduram até os dias atuais. Depois de Kant, a ideia de renovação da metafísica tem início na contemporaneidade, e Bergson é um dos precursores a atribuir um papel fundamental à crítica às ideias kantianas, ao mesmo tempo mantendo uma relação com elas. O estudo da filosofia da consciência, onde Bergson trabalha com uma caracterização própria do tempo da consciência, é o ponto de partida para o nosso autor expor suas ideias sobre a metafísica e sobre a experiência, trazendo para sua obra as críticas à ciência e contemporaneamente ressaltando a importância dela na nossa realidade. Ao mesmo tempo, ele insiste na importância de uma metafísica voltada “para o real”, e observada na experiência, propondo uma nova forma de fazer filosofia voltada para a realidade, e através disso, uma conciliação entre o metafísico (tempo) e o físico (espaço), bem como a definição e limitação do método científico no campo da ciência, e do método intuitivo para a filosofia. O foco deste trabalho é explorar os conceitos bergsonianos que consolidam a relação da filosofia e da ciência; e evidenciar os aspectos relevantes de sua teoria da conciliação entre matéria e espírito. Além disso, pretende-se expor o método da intuição elaborado pelo nosso autor, e, através disso, definir o objeto de estudo da filosofia delimitando sua competência. De maneira específica, pretendemos elaborar uma análise sobre a compreensão das definições de duração e matéria em suas principais obras: Na obra *Matéria e Memória* (1897), Bergson expõe suas principais ideias acerca da memória e da consciência. O tema do tempo metafísico é tratado na obra *O pensamento e o movente* (1934). Na obra *A Evolução Criadora* (1907) e *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), encontramos as principais teorias bergsonianas acerca da intuição e da inteligência; do tempo da duração – no que se refere ao método intuitivo e científico; e a explicação de como cada método interpela o tempo na relação com o espaço. No ensaio *Energia Espiritual* (1919) encontra-se a proposta de uma metafísica concreta e positiva, voltada para a realidade, e *As duas fontes da moral e da religião* (1932) podemos extrair a contribuição à teoria da inteligência ao referir-se à ciência, e à metafísica, assim como, o papel de cada uma delas na vida social. Após a análise dessas obras, torna-se possível encontrar elementos fundamentais para dissertar sobre a proposta bergsoniana da conciliação entre o físico e o metafísico, reforçada na sua teoria metafísica do

tempo e na teoria da inteligência acerca do espaço. Exporemos a relação entre o tempo e o espaço, bem como o metafísico e o físico, e a necessidade de um diálogo entre ciência e filosofia.

Na filosofia, as obras que se referem ao tempo remontam há séculos. Porém, a questão do tempo ligado ao estudo da consciência é contemporânea, considerando os estudos sobre a consciência na área da psicologia e na neurofisiologia. Bergson é um autor de fundamental importância: ele colaborou para a definição de muitas ideias propostas hoje acerca do tempo da consciência, e dos estudos sobre a psique. Desde que uma nova concepção de ciência foi engendrada na modernidade, a filosofia perdeu sua centralidade, tendendo a ser substituída pelo olhar científico; não caberia a filosofia se utilizar do método científico e nem a ciência se utilizar do método filosófico. Para nosso filósofo, é necessário definir os métodos e os objetos de cada uma dessas disciplinas; então, ele elabora o *método intuitivo* voltado para a filosofia. Mas o próprio autor afirma que não é fácil abandonar o hábito, ao qual estamos adaptados devido à preponderância do uso de uma outra capacidade do homem, a inteligência, para que possamos pensar por meio da intuição. Trata-se de um processo doloroso e difícil. Ao contrário do que acontece com a intuição, que nos revela a humanidade em nós, a inteligência nos leva ao afastamento dessa humanidade, e à quebra do vínculo com o nosso próximo. Pois a inteligência está apenas ligada à matéria, ao passo que a empatia e reconhecimento no outro da mesma espécie acontece no espírito, através da intuição.

Diante do exposto, podemos formular a seguinte pergunta: como é possível uma conciliação entre filosofia e ciência, sem que nenhuma delas seja excluída ou desvalorizada em relação à outra? Segundo Bergson é possível uma conciliação entre filosofia e ciência. Pretendemos propor uma tentativa de elaborar os meios para a possibilidade dessa conciliação, através das ideias de espaço e tempo.

Retomar as ideias de Bergson acerca da filosofia se torna muito importante nos dias atuais, devido à necessidade de, por assim dizer, defender o papel da filosofia. Pois, é devido ao fato de considerarem ela como não importante à vida prática que não é atribuída a ela a sua devida importância. Bergson destaca em suas principais obras a importância de uma filosofia prática, e faz inúmeras considerações acerca da ciência, pois segundo ele, a ciência não possui uma verdade absoluta, ela não está acima da filosofia: ambas se complementam.

Para elaborar um método filosófico, o filósofo francês faz uso de três conceitos principais, a saber: a duração, a memória e o impulso vital (*élan vital*). Para ele, a realidade que vivemos (e nisso consistiria o “real absoluto”) é a duração, que se desenrola na consciência, na qual a experiência e a intuição estão conectadas. Sendo assim, a reflexão sobre o tempo é um dos principais fios condutores de toda sua obra filosófica. A compreensão rigorosa do modo como Bergson entende o tempo é necessária para o entendimento de suas ideias. A base de suas ideias sobre o tempo é a diferenciação entre o “tempo da consciência” e o “tempo físico”.

2. CONTEXTO INTELECTUAL

Este capítulo sobre o contexto intelectual no qual a obra de Bergson está colocada tem a função de situar muito sumariamente o leitor frente a alguns autores e questões, com as quais Bergson se encontrava durante a elaboração de suas ideias. Os tradicionais meios de pensamento (métodos) tentavam chegar a conceitos novos por meio de conceitos antigos, reduzindo de tal forma os novos conceitos aos já preexistentes, e analisando apenas suas formas exteriores, decompondo e recompondo em modelos de pensamentos com os quais já lidávamos e estávamos habituados. Esse é, segundo Bergson, um dos erros principais do método filosófico tradicional.

A ideia de tempo definida por ele e as implicações do seu próprio método evidenciam a maneira como se faz *experiência do objeto concreto*, a saber: da sua *duração* – através de um ato simples, que é a *intuição*. É possível observar o sentido que o nosso filósofo confere à metafísica, e sua visão acerca da filosofia, notando a distância entre a filosofia de Bergson e toda a tradição filosófica e científica de sua época, quando ele propõe observar mais adiante, considerar que a vida é um “simples” fluxo contínuo, e que a duração real está no domínio da vida e da consciência, afirmando, assim, que a metafísica faz parte da experiência.

As ideias bergsonianas são marcadas por vários fatos importantes que aconteceram na história cultural, entre eles podemos destacar: a psicanálise de Sigmund Freud; a teoria da relatividade de Albert Einstein; a publicação da *Origem das espécies* de Charles Darwin, o avanço da biologia como ciência autônoma; o desenvolvimento da medicina experimental; as descobertas dentro da psicofísica; e, por fim, o avanço dos estudos das doenças mentais dentro da psicologia, entre outros.

Falando da filosofia bergsoniana, é necessário acenar brevemente ao positivismo comtiano. Comte encontra-se num período em que a sociedade teológica vem sendo substituída pelo poder científico, havendo entre a ciência e a metafísica uma disputa. O filósofo francês não defende nenhum lado dos oponentes, apenas analisa cada qual dentro do contexto de sua época. Sua proposta, ao elaborar o *Discurso sobre o espírito positivo*, publicado em 1848, é dar ao espírito positivo suas características naturais, bem como explicar sua origem. “(...) o crescimento

do espírito positivo deve-se sobretudo ao conhecimento vulgar, que constitui sempre seu ponto de partida e sua eterna consagração.”¹

Na primeira parte do *Discurso*, o assunto abordado é a mentalidade do espírito positivo, intitulado como a *Superioridade mental do espírito positivo*. Especificamente no primeiro capítulo, o autor explica o que ele chama de “lei da evolução intelectual”, ou “lei dos três estados”. O indivíduo passa por três estados teóricos: teológico, metafísico e positivo. O primeiro estado é provisório e preparatório: Comte deixa claro que o espírito humano busca um conhecimento absoluto, enquanto no campo dos problemas científicos, os homens ainda não alcançaram a solução aos problemas mais simples. A fase teológica é constituída pelo fetichismo. “Mesmo os pensadores mais eminentes podem constatar sua própria disposição natural ao mais ingênuo fetichismo, quando esta ignorância se combina, momentaneamente, com alguma paixão manifesta.”² O segundo momento é transitório, e tem como finalidade conduzir nos ao terceiro. O estado metafísico (ou abstrato) encontra-se na evolução do nosso intelecto, elevado pelas mudanças; ele nos leva do estado teológico ao estado positivo. O estado metafísico é considerado por Comte como uma doença crônica; sendo natural à evolução mental, encontra-se tanto na evolução mental individual quanto a coletiva. O último estado, o estado positivo ou real consiste na razão humana. No estado positivo nosso intelecto passa da infância à virilidade. A característica principal da virilidade de nossa inteligência, segundo Comte, é a busca de leis, “relações constantes que existem entre os fenômenos observados”. O espírito positivo constitui a unidade final de nosso entendimento. E o verdadeiro espírito científico caminha entre o empirismo e o misticismo.

(...) a verdadeira ciência, longe de estar formada de simples observações, tende sempre a dispensar, o tanto quanto possível, da exploração direta, substituindo-a por aquela previsão racional, que constitui, sob todos os aspectos, a principal característica do espírito positivo, como o conjunto dos estudos astronômicos nos mostrará com clareza.³

¹ COMTE, 1848. Pág. 13

² *Ibidem*, 1848. Pág. 23

O verdadeiro fundamento filosófico da sociabilidade humana defendida por Bergson dependeria, assim, da inteligência. A ciência nasce do desenvolvimento social; e a previsão racional seria a principal característica da verdadeira ciência.

Passamos agora a acenar brevemente a outros autores, além do Comte, com os quais Bergson se confronta no que diz respeito à ideia de ciência e de razão. Na época de 1860 os principais debates eram em torno da primeira tradução de *A origem das espécies*, de Charles Darwin. No campo da filosofia surgiu o utilitarismo, o positivismo e o niilismo. Surge também o racionalismo cientificista. Nessa mesma época, em 1861 é publicada a obra *Memórias do subsolo* de Fiódor Dostoiévski, escritor russo, considerado depois como um dos maiores romancistas e pensador de sua época. Em sua obra referida, o autor busca destacar o cientificismo pelo qual a sociedade estava se desenvolvendo.

(...) a própria ciência ensinará ao homem que na verdade ele não tem nem vontade, nem capricho, que nunca os teve, e que ele não passa de algo como uma tecla de piano ou um pedal de órgão; e que, além disso, há no mundo ainda as leis da natureza; de maneira que tudo que ele venha a fazer, não fará em absoluto de acordo com sua vontade, mas por si só, de acordo com as leis da natureza.⁴

Dostoiévski acreditava que a razão era uma coisa boa, mas também defendia que a satisfação humana não encontrava apenas nas capacidades racionais, o homem sendo também movido pela vontade. Quando o homem se abstém de sua vontade, para servir apenas e somente a razão, ele torna-se covarde e servil.

Engels trabalhou no desenvolvimento de uma ciência que combatesse as ideias religiosas e supersticiosas, uma ciência livre das normas da igreja. A obra de Engels, intitulada *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, aborda uma crítica à submissão da religião, da sociedade, do governo e até mesmo das ciências naturais à ciência moderna, à razão, que na época era “o juiz” que determinava, segundo Engels, a existência ou não de algo, e que sob seu

³ *Ibidem*, 1848. Pág. 32

ponto de vista não era “qualquer” razão, mas a razão burguesa idealizada. No trecho a seguir, podemos identificar a semelhança de ideias entre Bergson e Engels:

Mas esse método de trabalho [científico] nos legou o hábito de estudar os objetos e os fenômenos naturais isoladamente, fora das relações recíprocas que os ligam em um grande todo, isto é, não em seu movimento, mas em seu repouso, não como essencialmente variáveis, mas essencialmente constantes, não em sua vida, mas em sua morte.⁵

Engels define a representação do mundo natural, histórico e intelectual como um processo que se encontra em constante mudança, transformação e desenvolvimento, formando um todo.

Durante o período em que se encontram esses autores, o foco das discussões girava em torno da razão e da ciência, uma razão baseada em métodos científicos e onde o homem deixava de ser um coadjuvante para se tornar o protagonista da razão. Surgindo os vários estudos e pesquisas acerca da psique humana. Outros campos em expansão e desbravamento estava surgindo, isso graças à ciência. Bergson, carrega em suas ideias as primeiras características do homem cientificista, chamando a atenção para o perigo do mau uso desse meio de conhecimento. Junto com os autores descritos neste contexto intelectual, podemos identificar a grande preocupação deles em relação à isso.

⁴ DOSTOIÉVSKI, 1861. Pág. 44

3. MATÉRIA E CONSCIÊNCIA

A discussão acerca da natureza e funcionalidade da consciência e da matéria, tratada em Descartes como o problema mente/corpo, ainda é um tema bastante abordado dentre as discussões tanto filosóficas, quanto científicas. Na filosofia de Bergson, os dois temas são um dos fios condutores das suas investigações. A obra principal do nosso filósofo sobre a funcionalidade e a relação entre a matéria e a memória é intitulada *Matéria e Memória* (1896); ali, Bergson defende a ideia de que a consciência não é um efeito que tem como causa o cérebro.

O cérebro como uma “(...) extensão material permite que seus objetos sejam percebidos como exteriores uns aos outros, justapostos e, então entendidos como descontínuos.”⁶ Inteligência e matéria são passíveis de fragmentação, mesmo fazendo parte de uma duração contínua; sendo assim, a inteligência é uma faculdade típica de um conhecimento *parcial*, que divide suas *partes* para conhecê-las. Para compreender um movimento, a inteligência o divide em partes e imobiliza as que a interessam. Espírito e matéria constituem a totalidade dos movimentos, embora sejam distintos, assim como os modos de conhecimento de cada um, o espírito tem como modo de conhecimento a intuição, já a matéria tem como modo de conhecimento a inteligência.

O corpo, como objeto em relação aos objetos ao seu redor, através da percepção seria como um condutor, responsável por recolher os movimentos e depois transmiti-los, ou reter a certos mecanismos motores. O cérebro armazena as ações do passado sobretudo (mas não unicamente) na forma de “dispositivos motores”: “O passado sobrevive sob duas formas distintas: 1) em mecanismos motores; 2) em lembranças independentes.”⁷ A cada ação exercida pelo meu corpo, as lembranças delas são armazenadas em minha memória, e quando necessária outra ação, a memória se atualiza para agir novamente. Os objetos ao redor, tanto os que o influenciam, quanto aqueles sobre os quais eu exerço uma ação; já no tempo que flui, cada ação executada expira-se em passado. Ou seja, a ação é presente, mas ao fim de sua realização ela se torna passado, retida pela memória como hábito; ela dependerá necessariamente de mecanismos motores, como lembrança envolverá um trabalho do espírito. Por exemplo: “A lembrança da lição, enquanto aprendida de cor, tem todas as características de um hábito. Como o hábito, ela é

⁵ Engels, 2010. Pág. 66

⁶ ROSSETI, 2004. Pág. 32

⁷ BERGSON, MM. 1999. Pág. 84

adquirida pela repetição de um mesmo esforço. Como o hábito, ela exigiu inicialmente a decomposição, e depois a recomposição da ação total.”⁸ Podemos aqui representar dois tipos de memórias, das quais uma não possui intenção de utilidade ou de uma aplicação prática, enquanto o passado é armazenado apenas por uma necessidade natural. Dentre elas, uma opera com a imaginação e a outra com a repetição. A repetição pode substituir a imaginação e ainda dar a ilusão de que seja imaginação. A memória hábito, a qual lida com a repetição, provoca uma percepção mecânica através das atitudes que são formadas pouco a pouco, fazendo nos acomodar ao hábito, e reduzindo a nossa capacidade de imaginar e de perceber as coisas fora do que estamos habituados a repetir. Já a capacidade de imaginar nos leva a agir e a viver. Nos leva a perceber aquilo que está além do que estamos acostumados, nos tira do comodismo.

A lembrança não é apenas hábito, pois a maioria das lembranças é originada de acontecimentos que não se repetem jamais. Essa memória Bergson chama de “memória espontânea”; até mesmo o hábito depende dela para se tornar um hábito. “Lembrança hábito” e “lembrança imagem” são as duas formas da memória. Bergson contraria a hipótese de que a memória seja apenas uma função do cérebro, pois a lembrança não provém de um estado cerebral, sendo o cérebro um centro de ação e não apenas um arquivo de lembranças.

Aqui a nossa intenção é mostrar a relação entre as duas memórias, e de que modo elas se conciliam, prestando apoio mútuo. Os mecanismos motores utilizam da lembrança hábito constituindo parte da memória, sendo orientada no sentido da natureza, conquistada pelo esforço e dependente de nossa vontade, de modo que a lembrança imagem tem seu lugar no tempo, armazenando os acontecimentos, entregue a si mesma; indo em sentido contrário ao da lembrança hábito, ela é espontânea. O reconhecimento se dá através da associação a uma percepção presente as imagens adquiridas antes em contiguidade com ela. “O sentimento do *dejá vu* viria de uma justaposição ou de uma fusão entre a percepção e a lembrança.”⁹

Para compreender a filosofia de Bergson, é preciso entender o conceito de intuição da duração. A verdadeira duração está na memória, e é pela duração consciente que podemos compreender o tempo. Os estados de consciência são uma síntese do espírito e da matéria, a duração consiste na continuação de um estado somando as lembranças de momentos passados ao presente. A memória constitui o conjunto do passado, sua presença e sua eficácia no presente;

⁸ *Ibidem*, pág. 86

⁹ *Ibidem*, pág. 100

mas ela não é apenas a visão de alguma coisa que ocorreu no passado, ela se materializa através do cérebro e se atualiza com a ajuda dele também.

3.1. A duração

Pensar intuitivamente é pensar na duração, é voltar para o eu, para o tempo da consciência, através de uma percepção imediata. A duração (que é o tempo da consciência) possui caráter qualitativo, é indivisível e imensurável. O tempo físico é o que possui propriedades quantitativas, e é mensurável; por isso, é um tempo “espacializado”, que necessita do espaço para efetuar as medidas. A duração que se desenrola na consciência nunca se torna passado, ela está sempre em constante atualização. “A duração é o movimento contínuo da memória que prolonga o passado no presente em vista do futuro; nesse movimento, o passado se acumula e se conserva.”¹⁰ A duração é imanente a seus próprios conteúdos, ela é um todo indivisível; ela é representada no tempo por ser qualitativa. Em toda quantidade há um elemento qualitativo muitas vezes negligenciado, e é papel da filosofia reconhecer estas qualidades.

Bergson diferencia o tempo da consciência e o tempo físico. O tempo vivido, segundo ele, é completamente incompreensível pelo método científico, e os estados de consciência contêm em si uma duração absoluta. O tempo físico difere do tempo da consciência, que é duração, indivisível e imensurável, enquanto o tempo físico é “espacializado” para que seja possível dividi-lo e mensurá-lo.

Na obra *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), mais especificamente no primeiro capítulo, Bergson aborda o tema da intensidade dos estados psicológicos, onde ele afirma que as intensidades psicológicas não se sobrepõem. A psicologia científica propõe a ideia de que os estados psicológicos possuem variados graus de intensidade, por isso a possível medição de tais estados, mas isso gera algumas questões: como é possível medir algo inextensivo? E qual instrumento utilizar para tal medição? Quando chamamos uma intensidade de grandeza é porque consideramos que tais intensidades são suscetíveis a aumentar ou diminuir, assim, acreditamos que o intensivo e o extensivo possuem algo em comum. “Na ideia de intensidade, e até na palavra que a traduz, encontraremos a imagem de uma contração presente e,

por conseguinte, uma dilatação futura, a imagem de uma extensão virtual e, se assim pudéssemos dizer, de um espaço comprimido.”¹¹ As intensidades acumulam-se umas às outras, não na forma de justaposição, mas na forma de imagens que se somam e acumulam. As intensidades qualitativas possuem diferenças qualitativas entre elas, e, ao efetuar uma medição de tais intensidades, essas diferenças qualitativas são desprezadas e suas principais características excluídas. “(...) quanto mais se desce nas profundidades da consciência, menos se tem o direito de tratar os fatos psicológicos como coisas que se justapõem.”¹² Mesmo que um estado psicológico tenha sido definido por causas exteriores, ainda assim, sua intensidade é qualitativa. A relação entre uma causa material e um estado psicológico qualitativo é sempre frequente, mas aqui há uma relação entre o extensivo e o intensivo; mesmo numa relação entre a matéria e o espírito não cabe sobreposição de intensidades qualitativas, pois elas jamais se sobrepõem. “A assimilação da qualidade pela quantidade é apenas de caráter convencional.”¹³ A noção de intensidade pode ser apresentada sobre duplo aspecto, podendo haver ou não uma causa exterior.

Na psicologia, a intensidade aplicada às propriedades qualitativas da sucessão psicológica está impregnada da ideia de quantidade. O tempo utilizado para a avaliação e definição desses estados é o tempo “espacializado”, o tempo físico e mensurável. Bergson vem denunciar a espacialização dos processos psicológicos, através da diferenciação entre tempo físico e o tempo da duração. Quando introduzimos o espaço em uma ideia de duração, deformamos as representações do exterior e do interior, e também a concepção de movimento e de liberdade.

A ideia de intensidade situa-se, pois, no ponto de junção de duas correntes, trazendo-nos uma a partir de fora a ideia de grandeza extensiva e indo a outra buscar às profundidades da consciência, para trazer à superfície, a imagem de uma multiplicidade interna.¹⁴

Ao representar os fatos da consciência, utilizamos métodos e símbolos materiais, apresentando, assim, o indivisível e imaterial através de uma representação material no espaço. “(...) há duas espécies de multiplicidade: a dos objetos materiais, que forma um número

¹⁰ MARQUES, 2006. Pág. 98

¹¹ BERGSON. DI. 1988, pág. 13

¹² *Ibidem*, pág. 16

¹³ *Ibidem*, pág. 58

¹⁴ *Ibidem*, pág. 61

imediatamente, e a dos fatos de consciência, que não pode adquirir o aspecto de um número sem ser intermediário de alguma representação simbólica, em que necessariamente intervém o espaço.”¹⁵ A representação de uma qualidade em termos quantitativos é a intensidade colocada em termos de extensão. “(...) o tempo, concebido sob a forma de um meio indefinido e homogêneo, não é senão o fantasma do espaço assediando a consciência reflexa.”¹⁶ Podemos destacar duas concepções de duração, uma na qual o espaço intervém, e a que consiste a sucessão dos estados de consciência tomando de forma contínua a experiência do eu em um estado indivisível, uma duração que chamamos de “duração pura”. A ilusão de uma duração na qual há uma interseção do tempo com o espaço é a simultaneidade. “O movimento, enquanto passagem de um ponto a outro, é uma síntese mental, um processo psíquico e, por conseguinte, inextenso.”¹⁷ Dividimos e separamos para uma melhor inserção pragmática no mundo. Há uma necessidade em colocar as coisas na forma de causa e efeito, para isso dividimos o movimento para identificar a causa que o originou. A percepção nos leva a observar por meio de causa e efeito. Assim, somos levados a dividir o tempo em passado, presente e futuro. No entanto, o ser possui uma essência movente, o movimento como essência do ser é o próprio devir, que consiste na duração e na mudança incessante. “Existir e durar à maneira bergsoniana significa, portanto, sintetizar o passado e o presente num momento único e original, que, como tal, cria o novo e influencia o futuro de uma história pessoal.”¹⁸

3.2. Movimento e mudança

O conhecimento intuitivo caminha lado a lado com a filosofia, e a filosofia, segundo Bergson, surge da “(...) insuficiência constatada por nossas faculdades de concepção e raciocínio – foi o que deu origem a filosofia.”¹⁹ Na modernidade houve por parte de muitos filósofos a substituição da percepção pelo conceito, levando as faculdades do espírito às funções de abstração, generalização e raciocínio. A filosofia se difere da ciência, justamente por causa das diferentes ideias que compõem o conhecimento filosófico, ideias essas que são apresentadas compondo a originalidade de cada autor. “Por abstrata que seja uma concepção, é sempre numa

¹⁵ *Ibidem*, pág. 72

¹⁶ *Ibidem*, pág. 80

¹⁷ *Ibidem*, pág. 88

¹⁸ MARQUES, 2006. Pág.99

¹⁹ BERGSON, PM. 2006. Pág. 152

percepção que ela tem seu ponto de partida.”²⁰ A ciência lida com os aspectos quantitativos, exprimem das coisas tudo que pode ser quantificado, restando a filosofia as qualidades onde tudo é heterogêneo a tudo, gerando assim, diversas doutrinas, onde uma é sempre contrária a outra.

Recortamos do todo apenas aquilo que interessa a nossa vida prática, deixamos de lado grande parte de nossa percepção por não possuir uma utilidade prática. “(...) quanto mais estamos preocupados em viver, tanto menos estamos inclinados a contemplar, e que as necessidades da ação tendem a limitar o campo da visão.”²¹

Antes de filosofar, é preciso viver; e a vida exige que ponhamos antolhos, que não olhemos à esquerda, à direita ou para trás, mas sim reto à nossa frente na direção que devemos seguir. Nosso conhecimento, longe de se constituir por uma associação gradual de elementos simples, é o efeito de uma dissociação brusca: no campo imensamente vasto de nosso conhecimento virtual, colhemos, para fazer um conhecimento atual, tudo o que concerne à nossa ação sobre as coisas; negligenciamos o resto.²²

Nosso cérebro teria a capacidade de armazenar todas as nossas percepções por inteiro, segundo Bergson, mas estamos tão focados pelo hábito a selecionar apenas as que são úteis à ação e à materialidade, que nosso cérebro já efetua a seleção daquelas que consideramos úteis e descarta as outras. Assim, para o nosso autor, os artistas são pessoas desprendidas da vida prática, que percebem muito mais o todo do que outras pessoas, sendo a arte dos pintores, dos músicos ou dos poetas umas das ações mais sublimes do homem. Assim, o papel da filosofia seria o de convergir a nossa atenção para algo que “nada serve”, que não possua uma utilidade na vida prática, e nos levar a uma percepção mais completa da realidade. Passamos a ver como o âmbito da metafísica, segundo Bergson, é importante:

(...) se a metafísica é possível, é por uma visão e não por uma dialética. A dialética conduz-nos a filosofias opostas; demonstra tanto a tese quanto a antítese das antinomias. Apenas uma intuição superior (que Kant chama de

²⁰ *Ibidem*, pág. 153

²¹ *Ibidem*, pág. 157

²² *Ibidem*, pág. 158

intuição “intelectual”), isto é, uma percepção da realidade metafísica, permitiria à metafísica se constituir.²³

Bergson afirma que, a metafísica só é possível por meio de um esforço da intuição. Intuição a qual, segundo Kant, é impossível, porque: “Todos a entenderam como uma faculdade de conhecer que se distinguiria radicalmente tanto da consciência quanto dos sentidos e que estaria até mesmo orientada na direção inversa.”²⁴

Segundo Bergson, a metafísica nasceu “dos argumentos de Zenão de Eléia relativos à mudança e ao movimento.”²⁵ O que nosso autor considera como mudança e movimento difere do que foi considerado por Zenão e pelos metafísicos como mudança e movimento. A mudança e o movimento são representados como indivisíveis, segundo nosso autor. O que dividimos, na verdade, é a trajetória e não o movimento; e a trajetória, sendo espaço, é divisível. O movimento deve ser visto como ele é, um todo indivisível, mas o que realmente é considerado são os pontos que o objeto deixou no passado e os que ele irá assumir adiante. Imobilizamos o movimento na esperança de compreendê-lo; e, todavia, nunca estamos realmente em presença de ausência de movimento. O movimento é a própria realidade, e ela está em constante mudança. “O objeto passa pelo ponto, ou, em outros termos, poderia estar nele. Estaria nele, caso nele parasse: mas, caso nele parasse, já não seria mais com o mesmo movimento que lidaríamos.”²⁶

A mudança contém em si vários estados, o objeto (a coisa que muda) muda constantemente; e a vida útil à qual estamos habituados nos faz perceber apenas alguns desses estados, os quais interessam-nos para a ação. A mudança contínua e indivisível é que constitui a “verdadeira” duração; “a duração real é aquilo que sempre se chamou tempo, mas o tempo percebido como indivisível.”²⁷ O passado tende a se conservar no presente de maneira contínua através da indivisibilidade da mudança. A realidade é mudança, e; numa mudança indivisível, o passado se consubstancia com o presente.

As discussões relativas ao livre arbítrio chegariam a um fim caso nos percebêssemos a nós mesmos ali onde realmente somos, numa duração concreta na qual a ideia de determinação necessária perde toda espécie de significação,

²³ *Ibidem*, pág. 160

²⁴ *Ibidem*, pág. 161

²⁵ *Ibidem*, pág. 162

²⁶ *Ibidem*, pág. 165

²⁷ *Ibidem*, pág. 172

uma vez que o passado ali se consubstancia com o presente e com ele cria incessantemente – quando mais não seja pelo fato de a ele se acrescentar – algo de absolutamente novo. E a relação do homem com o universo tornar-se-ia suscetível de um aprofundamento gradual caso levássemos em conta a verdadeira natureza dos estados, das qualidades, enfim, de tudo o que se a nós com a aparência da estabilidade.²⁸

A consciência e a liberdade são resultam do movimento vital, da duração, que só torna possível sua existência em sua relação com a matéria.

3.3. A liberdade e o determinismo

Bergson elabora uma definição de liberdade através das análises sobre a duração no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*; já em *Matéria e Memória* ele fortalece essa definição através da identificação da duração como consciência imediata; em *A evolução criadora*, o movimento da vida é a própria liberdade, que é duração e encontra-se na consciência. “É por intermédio do estudo da duração que a questão da liberdade é abordada e é colocada inicialmente como metafísica e psicológica porque para Bergson ela implica a compreensão precisa da unidade da vida interior como duração.”²⁹ O tempo é a realidade na qual as mudanças e criações são possíveis a todo momento. A liberdade consiste no poder de criação. A consciência é dinâmica e não mecanicista, levando assim à uma atividade voluntária.

Desta forma, é o ser inteiro que se insere no presente encarnado, variando o nível de tensão de seu espírito nesse movimento do devir; daí a noção do tempo como instância ontológica. [Nisso consiste a liberdade do ser.] está [liberdade] não consiste na escolha entre dois possíveis, mas em uma escolha original fundamentada no sentimento de plenitude do próprio ser, ao intuir a si próprio e a sua natureza original.³⁰

Pretendemos agora expor a concepção bergsoniana acerca da liberdade, onde o filósofo francês pretende defender a existência da liberdade, mesmo que em graus, conferindo um papel fundamental à duração, que é considerada como “tempo da consciência”, e aos estados de consciência que são, segundo ele, livres, e que compõem a duração. Para Bergson, a consciência

²⁸ *Ibidem*, pág. 181

²⁹ MARQUES, 2006. Pág. 17

não é algo mecânico, logo não se pode determinar os fatos psicológicos como relações de causa e efeito; pois ela, a consciência, pressupõe um grau de liberdade entre os fatos psicológicos, porque o espírito é livre e a consciência dinâmica afirma essa liberdade, enquanto a matéria inerte, sendo estática, tende para a determinação. Para identificar os argumentos do autor para a elaboração de sua concepção, teremos como referência principal a obra, *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, onde ele expõe suas ideias sobre a consciência e a duração como possibilidade da liberdade do ser humano, mais especificamente nos dois últimos capítulos.

Para Bergson, a consciência é a faculdade de tomar conhecimento de si mesmo e de outras coisas, e os estados de consciência são o conjunto de “fatos psicológicos” que compõem a duração. Os fatos psicológicos são aqueles que, ocupando um lugar na duração, não ocupam um lugar na extensão; que escapando aos sentidos, só são percebidos pela consciência; apesar de ser sujeitos à intensidade, não admitem medidas. O nosso autor caracteriza os fatos intelectuais como àqueles fenômenos que, independentes de nós – até certo ponto, têm como características em comum implicarem uma representação. A faculdade é uma potência ou uma energia da alma, uma capacidade de gerar ou de receber certas coisas. A sensibilidade, a vontade e a inteligência são faculdades. A sensibilidade é composta pelos conjuntos de fatos sensíveis, é a potência de sentir. A vontade é composta pelas totalidades das determinações voluntárias, potência de querer. A inteligência é a massa de fatos intelectuais, potência de pensar. Bergson ainda define a memória como faculdade de conservação, onde a lembrança é um ato próprio dela, ela é constituída de impressões que se renovam num dado momento, mas renovam-se de tal modo que não se pode tomá-las por impressões novas; é o renascimento do fato psicológico passado, reconhecimento e localização.

Nosso autor defende a ideia de que há dois tempos distintos, o “tempo da consciência” e o “tempo físico”: o primeiro (da consciência), que ele chama de duração, possui caráter qualitativo, é indivisível e imensurável, ao passo que o “tempo físico” é aquele que possui propriedades quantitativas, e é, portanto, mensurável; por isso, é um tempo “espacializado” que necessita do espaço para que se possam efetuar as medidas e as possíveis previsões com base nos cálculos. Para defini-lo, os cientistas empregam a variável t , entendendo com isso o espaço em função do

³⁰ SAYEGH. 2008. Pág. 31

tempo, pois sem o espaço não seria possível aplicar tais medidas. Em suas críticas às teorias científicas (as quais excluem a duração como elemento essencial na compreensão do tempo), Bergson sustenta a tese de que tempo da consciência e tempo físico não devem se opor, mas complementarem-se. Assim, ele dedica-se a explicar o que seria a duração, o “tempo da consciência”, ele defende também, que a liberdade é possível através da duração.

O tempo da ciência, determinado pela matemática, depende do espaço. Para poder dividir a duração, devemos considerar a aplicação de um tempo “especializado”, definindo os estados da consciência em passado e presente. Todavia, de fato, a duração que se desenrola na consciência nunca se torna passado, ela está em constante atualização, ao acumular as imagens perceptivas que conectam umas às outras, acumulam-se na memória inúmeras lembranças, e assim, o passado cresce e se atualiza a todo instante que ocorre uma percepção; o que seria uma multiplicidade da duração. As imagens são interiores a certas imagens e exteriores em relação a outras, mas do conjunto do todo não há como dizer se é interior ou exterior: para o filósofo francês, “a interioridade e a exterioridade não são mais do que relações de imagens.”³¹ Essas relações de imagens se dão na memória por meio da duração, de modo que as imagens tendem à atualização em cada instante percebido; a memória seleciona as imagens, que na relação são justapostas, formando o passado e o presente contido num todo: “A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela.”³²

Assim, somos capazes de nos perceber como matéria porque formamos uma imagem de nós mesmos; como vimos, a nossa relação com os objetos se dá por meio de imagens e movimentos que resultam em ação:

É preciso, portanto que o estado psicológico que chamo “meu presente” seja ao mesmo tempo uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato. Ora, o passado imediato, enquanto percebido, é, como veremos, sensação, já que toda sensação traduz uma sucessão muito longa de estímulos elementares; e o futuro imediato, enquanto determinando-se, é ação ou

³¹ *Idem*, MM. 1999. pág. 21

³² *Ibidem*. pág. 77

movimento. Meu presente, portanto, é sensação e movimento ao mesmo tempo; e, já que meu presente forma um todo indiviso, esse movimento deve estar ligado a essa sensação, deve prolongá-la em ação. Donde concluo que meu presente consiste num sistema combinado de sensações e movimentos.³³

O elemento que conecta o passado e o futuro na duração através da percepção é a ação presente; assim, o presente não é “o que é”, mas sim “o que se faz”, e a ação sendo executada naquele instante é o presente – que a cada instante vai se tornando passado ao término da execução.

A duração é composta de vários estados de consciência, e esses estados estão ligados entre si; ela é uma sucessão de estados de consciência. Ela é qualitativa e não quantitativa, pois um estado está contido em todos os outros seguintes, e não como uma relação determinística de causa e efeito, mas uma relação de duração, onde não é possível prever uma ação futura, porque a ação do sujeito é livre e cada estado de consciência produz um sentimento diferente do outro: “O “estado de consciência” é uma unidade qualitativa mínima de duração.”³⁴

A afirmação de que determinada causa resultará sempre em determinado efeito, independente da minha escolha, me levará a crer que eu posso obter uma certeza absoluta nos casos em que os elementos envolvidos na relação causa/efeito sejam considerados apenas em caráter de grandezas físicas ou matemáticas. Mas isso só é possível quando o tempo é imóvel e tudo simultâneo. A indução leva a crer que no mundo físico assim como naquele dos geômetras, o tempo não conte: o movimento seria apenas a passagem de um ponto ao outro: “Podemos prever a sucessão, pois a experiência física se repete; mas não podemos predizer a duração, pois o futuro de um ser consciente não tem nada de comum com o futuro do universo material.”³⁵ A duração é um todo indivisível e imensurável referindo-se à psique.

Há uma complexidade na aplicação da geometria, e a inteligência se reconhece nela; o cientista, aproximando-se da matéria através da geometria, identifica uma ordem objetiva no mundo. Todavia, essa mesma ordem não se aplica em todos os casos. Bergson afirma que a nossa

³³ *Ibidem*, pág. 162

³⁴ VIEILLARD-BARON, 2007. Pág. 18

³⁵ *Ibidem*, pág. 19

realidade é ordenada pelos nossos pensamentos, e a ordem consiste na relação entre sujeito e objeto, o acordo entre o “espírito das coisas”.

O “tempo da consciência”, ou seja, a duração, é a realidade na qual as mudanças e as criações são possíveis a todo momento, pois é na duração que se encontra o todo, e é através da intuição que podemos ver na duração os estados de toda nossa consciência, elementos suficientes para criar e mudar as coisas. É o que Bergson define como “*real absoluto*”. A liberdade consiste no poder de criação através de uma consciência dinâmica e não mecanicista, levando assim à uma atividade voluntária³⁶. Já o mecanicismo é a lei que rege a realidade fundamental, “(...) o mecanicismo destrinça no seio do fato particular um determinado número de leis, de que constituiria de algum modo o ponto de interseção; é a lei que, nesta hipótese, se transformaria na realidade fundamental.”³⁷ Mas a mesma lei muitas vezes não tem aplicação quando se diz respeito aos fatos de uma *consciência dinâmica*:

Desta forma, é o ser inteiro que se insere no presente encarnado, variando o nível de tensão de seu espírito nesse movimento do devir; daí a noção do tempo como instância ontológica. (...) está [liberdade] não consiste na escolha entre dois possíveis, mas, em uma escolha original fundamentada no sentimento de plenitude do próprio ser, ao intuir a si próprio e a sua natureza original.³⁸

Nosso autor afirma que em um movimento molecular podemos encontrar a razão de um fato psicológico, mas não é possível demonstrar que o fato psicológico foi necessariamente determinado pelo movimento molecular³⁹; é na experiência que associamos um ao outro como causa e efeito. Uma determinação não significa necessidade, mas é uma maneira que a consciência encontrou, para explicar muitas ações pelos seus motivos. Por isso, tendemos a explicar as coisas como relações de causa e efeito, um modo de organizar e de dar uma ordem

³⁶ Bergson define uma atividade voluntária da seguinte maneira: é o ato o qual está entre o ato puramente instintivo e o ato habitual, o instinto precede a vontade e o hábito supõe a intervenção da vontade; o ato voluntário é constituído por quatro fases, a primeira é a concepção dos diversos motivos, a segunda é a deliberação, a terceira a escolha, e a quarta é o esforço para realizar o ato.

³⁷ BERGSON. DI. 2011, pág. 110.

³⁸ SAYEGH, 2008. pág. 31.

³⁹ Movimento molecular, segundo Bergson, pode ser aqui entendido como referente aos fenômenos físicos ou químicos, ou físico-químicos, que se produzem no sistema nervoso.

objetiva às coisas no mundo. Nosso autor descreve uma crítica aos três tipos de determinismo: o determinismo físico, o determinismo psicológico e o determinismo associacionista.

O “determinismo físico”, ligado às teorias mecânicas, se limita a justificar tudo pelas leis da natureza, como causas e efeitos. Todo determinismo físico reduz ao determinismo psicológico: Bergson diz que “O determinismo físico, em que assim desembocamos, não é mais do que o determinismo psicológico, que procura auto verificar-se e fixar os seus próprios contornos, mediante um apelo às ciências da natureza.”⁴⁰

O “determinismo psicológico” associa um estado ao outro como relações de causa e efeito – como se um estado psicológico mais forte fosse a causa, e o mais fraco determinasse o efeito – sempre dessa forma, comparando os estados psicológicos à uma relação de quantidade entre eles. Os estados de consciência anteriores são necessários aos precedentes deles, sem que se possa deduzir de um deles os próximos que se sucederão, pois entre os estados de consciências sucessivos há uma diferença qualitativa, a questão das tomadas de decisão emerge aqui o qualitativo, que permite a liberdade; fora disso, a liberdade humana seria ameaçada. O determinismo psicológico exclui o que os estados de consciência têm de qualitativo, e o estado psicológico atual sempre será dependente dos anteriores a ele, tornando assim o segundo sempre sucessivo do primeiro: se os motivos forem suficientes para dar força ao primeiro estado, este será considerado a causa; quando o segundo terá menor força, este será considerado o efeito.

O “determinismo associacionista” diz que os fatos de consciência são regidos pelas leis da natureza, e são, portanto, determinados pelas suas condições exteriores. Ele afirma que os estados psíquicos mais fortes influenciam os mais fracos ou mais simples, dependendo das condições externas em que o sujeito se encontra, sem levar em consideração as diferenças qualitativas; assim, ao fazer uma associação causal, ele confundiria o fato psicológico com a representação ou a imagem do próprio fato. Por um esforço da imaginação, em criar diversas possibilidades opostas é que podemos admitir os graus de liberdade. Podemos fazer uma associação dos estados de consciência como uma sucessão, mas não necessariamente uma associação causal entre esses estados. O conjunto de ideias são como uma corrente, onde não se pode puxar um elo sem que traga todos os outros juntos; uma ideia chama a outra mesmo que indiretamente, graças a uma

⁴⁰ BERGSON. DI. 2011, pág. 116

série de intermediários que até certo ponto permanecem inconscientes. Chamamos essa corrente de "associação de ideias".

Existem certas condições determinantes para obtermos algumas sensações, e nisso as leis mecanicistas têm um certo sentido: como no caso de algumas músicas que ouvimos ou algumas cores que nos agradam, podemos ter algumas sensações determinadas pelas condições aos quais nos encontramos. Dada uma explicação mecanicista, podemos observar um certo paralelismo entre o físico e o psíquico. Muitos utilizam desse paralelismo para defender a liberdade, mas a consciência não é determinada pelo movimento molecular. Assim, podemos observar que a lei não determina as nossas ideias, porém, pode determinar ou influenciar os nossos movimentos, e desse modo nos restariam apenas resquícios de liberdade. Cabe à ciência entender o que determina os movimentos da natureza, mas a nossa vida interior depende muito de nós mesmos até certo ponto. A liberdade deve ser constatada a partir do momento em que compreendermos o tempo através da experiência da consciência. O tempo mensurável, em função do espaço, nada mais é que um senso comum, apoiado na linguagem; assim também tentam compreender a metafísica, pela redução do tempo à uma representação espacial.

Na duração podemos encontrar a vida interior de cada indivíduo, sem justapor o que é passado, presente e futuro, sem mensurar ou dividir a experiência de ponto em ponto; na duração há um prolongamento de uma experiência à outra, uma existência indivisível e sucessiva, os elementos formam uma totalidade qualitativa. “Não saber reconhecer na experiência suas articulações mais íntimas e naturais é uma das mais graves acusações que faz Bergson à metafísica, que estuda o tempo sem considerar seu caráter misto.”⁴¹ A lembrança dos fatos só existe graças a consciência, que retém em si a memória dos fatos e os justapõe de acordo com os fatos, formando assim, um tempo misto de homogeneidade e sucessão. A inteligência cria símbolos através da linguagem para melhorar a sobrevivência de sua espécie, bem como instrumentos para mensurar, dividir e tentar compreender a matéria. Quanto a unidade de totalidade da duração consciente, “Para Bergson, a liberdade deve ser pensada como consequência metafísica desta unidade.”⁴² Segundo nosso filósofo, o ser representa o interior, enquanto o agir, representa o exterior, sendo o interior profundo e o exterior superficial. “O ato

⁴¹ MARQUES, 2006. Pág. 28

livre é contingente, assim como a duração é absolutamente irreversível.”⁴³ A verdadeira liberdade deve ser compreendida a partir da relação de imanência entre o indivíduo e sua ação. Pois quando agimos livremente, é a nossa duração que se “concretiza e exterioriza” no espaço. Bergson recusa qualquer explicação que busque explicar os estados de consciência pelos estados cerebrais. Para ele, a consciência não é um efeito do cérebro. Corpo e espírito, assim como consciência e cérebro, possuem suas relações, mas nenhum é autossuficiente, não se pode dividi-los em um sendo a causa e o outro o efeito. No plano exterior podemos perceber o presente graças a matéria, enquanto ela age; ao passo que todo o resto é duração, consciência, o presente é uma percepção imediata da matéria, através de uma imagem isolada das outras. Por isso a percepção reduz o ser, de sua totalidade ele percebe uma imagem fragmentada.

Mas, se o percebido não é produzido por nós, e se ao mesmo tempo é somente a partir de uma “intencionalidade pragmática” que há delimitação do objeto, então, ao mesmo tempo em que o objeto tem uma existência independente da nossa, nós o percebemos através de nós mesmos; nosso discernimento mostra-nos que o objeto é como o percebemos.⁴⁴

Lembrar é trazer do passado uma lembrança ao momento presente. “(...) o momento presente não é senão aquele em que a percepção opera um recorte no mundo das imagens em vista da ação, enquanto o passado é impotente.”⁴⁵ O passado encontra-se conservado na memória, quando o evocamos ao presente em função da ação, voltamos para dentro de nós mesmos, para buscar no eu a liberdade para agir. Logo, voltar para dentro de si antes de agir, significa buscar agir livremente e admitir o grau de liberdade que temos ao buscar em nosso interior a síntese do que se assemelha a nós e o que de nós se distingue.

3.3.1 Determinismo científico

A lei não determina a nossa realidade fundamental. Ela pode nos mostrar, até certo ponto, de que nada pode vir do nada. Mas é a experiência que nos diz o que resultará ou o que contará

⁴² *Ibidem*. Pág. 37

⁴³ *Ibidem*. Pág. 39

⁴⁴ *Ibidem*. Pág. 60

para algo na natureza. O real concreto da duração pode ser encontrado na experiência. Pois, a experiência é a relação do corpo e do espírito. Não há experiência sem essa relação.

A lei de conservação de energia diz que, dado os pontos de um sistema, eles são capazes de se moverem e de voltarem à posição inicial; isso acontece porque a matéria inerte parece não durar ou até mesmo não conservar nada do tempo decorrido. “(...) no domínio da vida. Aqui, a duração parece agir como uma causa, e a ideia de recolocar as coisas no seu lugar ao fim de algum tempo implica uma espécie de absurdo...”⁴⁵ O regresso ao ponto inicial é impossível no que se refere aos fatos de consciência. Até mesmo as sensações, quando se prolongam, crescem em relação ao seu passado, e o que era já não é mais o mesmo. A lei de conservação de energia aplica-se aos fenômenos físicos, ainda assim, enquanto os fatos psicológicos não os contradisserem. As mudanças ocorrem o tempo todo, e nada é o mesmo sempre, em um movimento contínuo as mudanças são constantes.

Para poder descrever os fatos da consciência usamos a linguagem e lhes atribuímos símbolos, e nessa explicação dos fatos ocorre uma confusão quando o próprio fato é substituído pela explicação do fato, pelo seu símbolo. Ao usar essas propriedades do mundo exterior, para designar vários estados e sentimentos, a linguagem utilizada é sempre a mesma, porém os estados e até mesmo os sentimentos gerados por eles possuem qualidades diferentes, que não é possível descrever em símbolos, a linguagem é limitada quando se refere aos fatos da consciência:

(...) assim como se poderão intercalar infinitamente pontos entre duas posições de um móvel, sem nunca preencher o espaço percorrido, assim também, só porque falamos, só porque associamos ideias umas às outras e essas ideias se justapõem em vez de se penetrarem, não conseguimos traduzir completamente o que nossa alma experimenta: o pensamento permanece incomensurável com a linguagem.⁴⁷

O “eu”, como consciência e memória, é a soma, a totalidade de suas sensações, de seus sentimentos, de suas ideias e de suas lembranças; uma soma de fatos psicológicos que estão em

⁴⁵ *Ibidem*. Pág. 72

⁴⁶ *Ibidem*, pág. 119

⁴⁷ *Ibidem*, pág. 127

constante mudança e movimento. Para o associacionista, o “eu” é reduzido a determinados sentimentos, fatos de consciência, sensações ou ideias, tornando a psicologia vítima da linguagem ao designar os mesmos símbolos à estados diferentes, como se pudesse haver uma igualdade entre os estados de consciência e assim se repetissem. Mas sabemos que não há, cada estado de consciência se difere do outro, nenhum estado é igual. O “eu” se tornará cada vez mais livre, quanto mais o eu fundamental tender a uma série dinâmica.⁴⁸ Quanto mais raciocinarmos e refletirmos sobre o que fazemos, quanto mais voltarmos para a nossa duração, mais os nossos atos serão livres, porque encontraremos na duração a liberdade; uma consciência dinâmica traz consigo a liberdade no pensamento e nas ideias. Quando refletimos antes de realizar uma ação, voltamos para o interior de nós mesmos e encontramos ali as mais variadas ações livres que podemos tomar. Por comodismo e levados pelo hábito, deixamos que o determinismo aja sobre nós, sobre as nossas ações. Buscamos convencionar um motivo as nossas ações quando se trata de dar explicações sobre determinado ato à outras pessoas. O mesmo estado psicológico não produzirá sempre o mesmo sentimento: ao deliberar, o “eu” é modificado, pois encontra-se em movimento, e assim modifica também os sentimentos a cada deliberação tomada. “Assim se forma uma série dinâmica de estados que se penetram, se reforçam uns aos outros, e chegarão a um ato livre por uma evolução natural.”⁴⁹ Somos livres quando um ato exprime toda nossa personalidade, se tomarmos a liberdade como uma decisão tomada, em resumo, num ato livre.⁵⁰

O livre arbítrio consiste numa escolha entre duas opções, quando, ao efetuar uma ação, levamos em consideração que alguma outra ação também poderia ter sido igualmente possível. Na elaboração de uma concepção mecanicista da liberdade, como o livre arbítrio, isso resultará em um determinismo. A liberdade consiste na composição qualitativa da própria ação, e não numa relação da ação com o que é e com o que poderia ter sido: “(...) o movimento é confundido

⁴⁸ *Ibidem*, pág. 128

⁴⁹ *Ibidem*, pág. 131.

⁵⁰ A neurociência tenta explicar a consciência como se fosse um efeito tendo o cérebro como sua causa, e aí se encontra o erro ao colocarem o cérebro como um órgão de comando e não de ação. As ideias de Bergson vai em sentido contrário as ideias neurocientíficas que ignoram a existência de uma relação entre a matéria e a consciência

com a trajetória efetuada; a liberdade é confundida com a escolha entre duas soluções, em outras palavras, com o livre arbítrio.”⁵¹

Fazemos uso de certo simbolismo mecanicista para explicar os nossos atos, as nossas deliberações e até mesmo a nossa liberdade. “O eu, infalível nas suas constatações imediatas, sente-se livre e declara-o; mas quando procura explicar a sua liberdade, só se apercebe dela por uma espécie de refração através do espaço.”⁵² Podemos afirmar que toda previsão futura é baseada em acontecimentos passados. Só podemos prever o que pode vir a ser o futuro, observando e dividindo o passado, determinando o que é causa e o que é efeito. Por isso, a previsão é possível somente no que diz respeito à matéria. Já no caso dos estados de consciência que compõem a duração, não é possível determinar que um estado venha a ser a causa e o outro o efeito. “(...) conheço com precisão a intensidade deste estado e sua importância em relação aos outros; não que eu meça ou compare, mas porque a intensidade de um sentimento profundo, por exemplo, não é outra coisa exceto este mesmo sentimento.”⁵³ Ao justapor os estados de consciência, aplicando apenas elementos quantitativos, eles deixam de ser dinâmicos para se tornarem estáticos, imóveis e mensuráveis, e os estados são substituídos pelas suas representações, operando com símbolos para representá-los. Quando experimento pessoalmente eu mesmo os estados de consciência, eles são assimilados de maneira dinâmica, já quando são representados pelas imagens ou por um símbolo intelectual, o são de maneira estática; desse modo, as qualidades não podem ser representadas em símbolos.

(...) não nos esqueçamos então que os estados de consciência são progressos, e não coisas; que se designamos cada um com uma só palavra é por comodidade da linguagem; e que vivem, e que, vivendo, mudam incessantemente; que, por consequência, não se lhes pode suprimir qualquer momento sem os empobrecer em alguma impressão e modificar assim a sua qualidade.⁵⁴

(nesse caso, consciência como imaterial), a relação do físico e do metafísico. A neurociência é um campo onde predominam os métodos científicos.

⁵¹ VIEILLARD-BARON, 2007. pág. 16.

⁵² BERGSON. DI. 2011, pág. 139.

⁵³ *Ibidem*, pág. 141.

⁵⁴ *Ibidem*, pág. 149.

Quando o cientista elabora uma previsão sobre uma ação futura, o tempo é reduzido a um número, a um determinado intervalo de uma duração real, mas essa duração é qualitativa e não quantitativa. Para prever uma ação futura, como na astronomia por exemplo, faz-se uma assimilação com uma lembrança de uma situação passada e que tende a se repetir, e assim reduzimos o passado, e aplicamos ele como possível no futuro. Porém, no caso da consciência não há identidade, pois na duração os fatos não são idênticos, sendo que os momentos não se repetem; eles sucedem uns aos outros. Os elementos psicológicos possuem vida própria: um sentimento, que muitas vezes parece se repetir, na verdade ele torna-se um novo sentimento, mesmo tendo a mesma causa exterior. “(...) se a relação causal existe ainda no mundo dos fatos internos, não pode assemelhar-se de nenhuma maneira ao que chamamos causalidade na natureza.”⁵⁵ No caso da consciência, a psicologia não poderá afirmar que se aplica um dos três casos de determinismo, mas também não se pode negar que o ato está ligado aos seus antecedentes.

Os fenômenos físicos obedecem às leis, o princípio de causalidade centra-se sob os aspectos observados no passado, as sucessões uniformes. O mesmo não se aplica aos fatos da consciência, não sendo possível determinar os fatos internos. Há entre a causa e o efeito uma consciência, e essa consciência tomada pela liberdade que leva o indivíduo a agir; por isso, a causalidade mecânica está voltada para a matéria, enquanto a consciência possui causa própria. A crença na causalidade nasce da observação das sucessões dos fenômenos na natureza, uma forma habitual de organizar a matéria.

(...) a relação de causalidade é uma relação necessária no sentido de que se aproximará indefinidamente da relação de identidade, como uma curva da sua assíntota. O princípio de identidade é a lei absoluta da nossa consciência; afirma que aquilo que é pensado se pensa no momento em que o pensamos; e o que faz a absoluta necessidade deste princípio é que ele não liga o futuro ao presente, mas apenas o presente ao presente;⁵⁶

⁵⁵ *Ibidem*, pág. 152.

⁵⁶ *Ibidem*, pág. 156

As teorias científicas se preocupam em “estabelecer uma relação de necessidade lógica entre a causa e o efeito,”⁵⁷ a noção de causalidade não coincide à de identidade. Podemos até dizer que o presente pressupõe um futuro pré-formado, mas a ideia que temos desse futuro inclui uma possibilidade de realização, não constitui uma ação realizada, e ainda há tempo de não a realizar ou de optar a realizar uma outra ação. Na duração, encontramos uma consciência dinâmica, que podemos identificar através do método intuitivo, que é um método para a filosofia conhecer a realidade, enquanto o científico é o método para conhecer a matéria inerte através da causalidade.

Ora se representam todos os fenômenos, físicos ou psicológicos, como se durassem da mesma maneira; o futuro só existirá então no presente na forma de ideia, e a passagem do presente ao futuro adquirirá o aspecto de um esforço, que nem sempre chega à realização da ideia concebida. Ora, pelo contrário, se faz da duração a forma própria dos estados de consciência; as coisas já não duram então como nós, e admite-se para as coisas uma preexistência matemática do futuro no presente.⁵⁸

A “preexistência matemática do futuro” implica uma relação de causalidade puramente matemática, enquanto a relação de causalidade interna é puramente dinâmica e não pode ser comparada com a relação entre dois fenômenos exteriores que se condicionam.⁵⁹ A liberdade consiste na relação entre o “eu” concreto e o ato que realiza, a consciência afirma a liberdade, pois o espírito é livre, já a matéria tende ao determinismo. “(...) o ato livre produz-se no tempo que decorre, e não no tempo decorrido. A liberdade é, pois, um fato e, entre os fatos que se constata, não há outro mais claro.”⁶⁰ Constatamos a liberdade ao exercer uma ação livre, no momento presente em que ela é executada, pois a liberdade não se encontra no passado, o que passou já não podemos mudar, apenas as decisões e ações que colocamos em prática agora, no presente.

(...) a afirmação do determinismo físico não implica a negação da liberdade consciente; em sua generalidade, ela é a reafirmação do dualismo praticamente

⁵⁷ *Ibidem*, pág. 157

⁵⁸ *Ibidem*, pág. 162

⁵⁹ *Ibidem*, pág. 164

⁶⁰ *Ibidem*, pág. 166

“intransponível” entre mundo exterior e mundo interior, tentando provar que a ciência desconhece o que se passa “no domínio da atividade consciente”.⁶¹

A liberdade está atrelada ao poder de resistir aos nossos instintos através da obediência da lei moral, graças à duração, que carrega em si toda concretude do eu e que nos torna livres quando resistimos aos nossos desejos, paixões e instintos mais profundos para realizar uma obrigação moral. O livre arbítrio é apenas um encaminhamento à liberdade e há nele um certo grau de liberdade.

3.4. Evolução e Criação

O *élan vital* é o que impulsiona a evolução da vida e está contido em cada ser.

Não se pode explicar a vida pela adaptação, pois isso seria explicar a evolução apenas pelas condições exteriores às quais corresponderia a plasticidade da vida. (...) Bergson apresenta uma teoria da evolução como de um ato pelo qual a vida se divide e se bifurca.⁶²

Pela necessidade de evolução do ser humano surge a inteligência, justamente um aspecto do *élan vital*. Conforme a intuição vai sendo deixada de lado, nosso impulso vital vai se perdendo no caminho. A intuição vai se tornando cada vez mais vaga, tendendo a ser substituída pela inteligência; junto com esse enfraquecimento do *élan*, a nossa capacidade de criação também se torna prejudicada. A evolução só se tornaria possível por meio da relação entre a intuição e a inteligência, as duas juntas compreendem a abstração e a apreensão imediata do mundo.

A evolução se fez, portanto, em um feixe de três direções: a primeira direção é a do torpor vegetativo, a segunda é o do instinto, a terceira é a da inteligência, que caracteriza o homem. (...) somente a inteligência humana é capaz de invenções cujos resultados transformam o mundo material, o meio ambiente e os costumes.⁶³

⁶¹ MARQUES, 2006. Pág. 33.

⁶² VIEILLARD-BARON, 2007. Pág. 28

Instinto e inteligência são vistos pelo nosso autor como duas vias da evolução do reino animal. Duas vias divergentes: uma se desenvolveu mais precisamente nos animais como os insetos e outras espécies, a outra caracteriza o homem. Bergson defende a ideia de que a evolução acontece de forma sucessiva e não simultânea; “a vida em geral é uma evolução contínua e invisível, que progride tendo por intermediário cada organismo visível.”⁶⁴

Somos indivíduos dependentes de uma sociedade formada por cada indivíduo particular; o isolamento permanente de um indivíduo é praticamente impossível, tanto pensando materialmente como psicologicamente. Assim, a nossa ação depende do outro, somos levados a agir em uma sociedade; ela está inteiramente imanente em cada uma consciência, e a nossa linguagem é apenas um de nossos exemplos de uma produção social. A dificuldade de afirmar a existência da liberdade surge justamente por conta da necessidade da vida em sociedade, e são os hábitos e as obrigações exigidos em um meio social que fazem com que deixemos de manifestar nossa liberdade. Mas deixamos de questionar por que obedecemos, por que seguimos tais regras: é muito mais cômodo seguir os hábitos e nada questionar, apenas obedecer e fazer cumprir as regras e o dever. Aqueles indivíduos que resistem a obedecer não seriam completamente inseridos em uma sociedade, e, por mais que tendemos ao “comodismo” do cumprimento de regras e deveres, existe ainda em cada indivíduo uma resistência que lhe é natural e interior. Ela se manifesta, por assim dizer, “de dentro para fora”. E são esses indivíduos que devem conduzir os outros ao processo evolutivo da sociedade. A evolução também é um movimento, um movimento constante, e a inteligência e a ciência são produtos da evolução; e todo produto de uma evolução pode e deve evoluir junto da sociedade, pois estes (inteligência e ciência) também estão inseridos no movimento evolutivo.

É o movimento da duração que possibilita a evolução. No movimento evolutivo da vida, no desdobramento da vida psíquica, podemos perceber a existência de uma realidade espiritual, a que o método científico, tal como proposto de acordo com as ciências positivas, não consegue alcançar. O impulso que coordena a matéria à um processo evolutivo é de natureza espiritual, encontra-se na parte psíquica do ser humano. Bergson demonstra seu princípio metafísico acerca

⁶³ *Ibidem*. Pág. 30

da evolução quando afirma que o impulso vital de natureza psíquica é a energia que movimenta a matéria e que impulsiona todo o desenvolvimento da vida.

A ciência biológica apresentada por Bergson, tem uma visão mecanicista do processo da evolução, visando apenas observações materiais para justificar um processo metafísico, e, portanto, impossibilitando de alcançar toda a profundidade de um movimento que é interior à própria vida. A ciência contemporânea está em processo evolutivo no caminho do conhecimento interior, podemos vislumbrar uma conciliação entre o interno e o externo na ciência contemporânea.

3.4.1. Inteligência, instinto e intuição

Inteligência e intuição originam-se do *élan vital*, o princípio vital. O *élan* pode ser compreendido como uma consciência geral, um impulso que dá origem a vida, a duração geral de um movimento total. Nesse movimento o *élan* dividiu-se em três direções, antes em vida animal e vegetal, depois em inteligência, instinto e intuição. “A vida se fragmenta em várias direções, porque traz nela mesma uma força vital capaz dessa divisão.”⁶⁵ Há no vegetal um “torpor vegetativo”, um impulso adormecido, por assim dizer. Já o animal desenvolveu o instinto; inteligência e intuição foram desenvolvidas no homem, o qual tem a capacidade de aprimorá-las.

A vida vegetal, a vida animal e a vida humana seguem em três direções constituindo o fluxo da vida, e a inação, o instinto e a inteligência constituem as três direções desse fluxo. A inteligência humana criou a lógica e a geometria para lidar com a matéria através de um “tempo espacializado”, dividindo o tempo e reduzindo-o em função do espaço, atribuindo à continuidade uma divisão descontínua, e, assim, impossibilitando a compreensão da vida e do pensamento de outra forma que não seja a lógica através de um tempo divisível.

O homem busca o conhecimento da vida pela inteligência; ao fazer isso, ele imobiliza e retira do ser vivo a própria vida, para agir sobre a matéria, que ele transforma em uma matéria *inerte* (possibilitando apenas o conhecimento exterior, o conhecimento da matéria). O instinto é

⁶⁴ MARQUES, 2006. 105

um conhecimento da matéria também, porém, de um determinado objeto, impossibilitando a sua expansão e desenvolvimento sobre outros objetos.

O instinto, portanto, possui um conhecimento implícito e pleno, que “se exterioriza em ações precisas”, mas aplica-se a um único objeto e mesmo a uma parte dele. Daí sua desvantagem em relação à inteligência, uma vez que ele não pode estender seu conhecimento a um número indefinido de objetos.⁶⁶

Podemos dizer que a inteligência é o conhecimento que se refere à forma da matéria; o instinto é o conhecimento da matéria; e a intuição é o conhecimento pelo espírito. A inteligência organiza nossa ação, porém ela opera com imobilidades; enquanto o instinto é movimento, a inteligência divide e imobiliza o movimento, colocando seus componentes justapostos para chegar a uma unificação: “Quando substitui o movimento por imobilidades justapostas, ela não pretende reconstruir o movimento tal como ele é; substitui-o simplesmente por um equivalente prático.”⁶⁷ Essa substituição do móvel pelo imóvel tem como principal função dominar para conhecer e manipular as mais variadas formas da matéria. Ao evoluir, o homem criou inúmeros instrumentos para facilitar o processo de manipulação da matéria, voltados para o conforto; podemos dizer que a tecnologia seja o ápice da evolução humana.

A inteligência humana para Bergson é um produto da evolução, uma faculdade que se desenvolveu para guiar o ser humano a agir no mundo, garantindo sua subsistência:

(...) o instinto utiliza instrumentos organizados, destinados a resolver o problema da conservação da vida; mas oferece pouca abertura entre o problema e a sua resposta. Ele não deixa lugar para a distância entre a representação e a ação. A consciência é anulada pelo instinto, ainda que ela deixe o lugar para o caminho da inteligência no homem. Esta diferença essencial vem de que a inteligência orienta-se para o conhecimento mais pela forma do que pela matéria, mais das relações entre as coisas do que das próprias coisas. A inteligência é uma conduta de retorno que se caracteriza pela flexibilidade, mas não tem a firmeza do

⁶⁵ ROSSETI, 2004. Pág. 43.

⁶⁶ MARQUES, 2006. Pág. 116

⁶⁷ *Idem*, EC. 2001, pág. 144.

instinto. Ela visa a ação e a fabricação, e não o conhecimento desinteressado ou a especulação.”⁶⁸

Há em nossa natureza o desígnio de manipular e coordenar a matéria. Como vimos, a inteligência se desenvolve no plano espacializado, e sua construção se dá com a colocação de problemas e soluções; procuramos nas relações a melhor solução possível para o problema proposto, por meio da organização. Através da inteligência, a ciência tende a se desenvolver quando buscamos melhorias para o nosso conforto e praticidade, que estão além do nosso instinto de sobrevivência. “A função essencial da inteligência consistirá então em desvendar, em quaisquer circunstâncias, o meio de remover dificuldades.”⁶⁹

Bergson considera a inteligência como mecanicista, enquanto ela utiliza uma linguagem científica que se desenvolve através da técnica instrumental e encontra-se voltada para a ação sobre a matéria. “(...) o instinto completo é uma faculdade de utilizar e mesmo de construir instrumentos organizados; a inteligência completa é a faculdade de fabricar e de empregar instrumentos inorganizados.”⁷⁰ Temos um conhecimento perceptivo da matéria que só é possível graças à inteligência, e ela está voltada para a matéria e nos permite através da percepção que temos das coisas, conhecê-la. O método utilizado pela ciência é o da observação e repetição: o cientista observa os acontecimentos frequentes na natureza e depois tenta reproduzir numa escala menor em laboratório para prever o que poderá vir a acontecer, seguindo um método que trabalha principalmente com relações de causa e efeito.

Os modos de conhecimento e meios de relação com as coisas, inteligência, instinto e intuição, nascem da existência de uma consciência. Tanto a inteligência como o instinto são consideradas pelo nosso autor como formas da atividade psíquica; eles possuem métodos diferentes de agir sobre a matéria. “Podemos então presumir que a inteligência estará orientada para a consciência, e o instinto para a inconsciência.”⁷¹ O instinto faz com que procuramos identificar objetos, a inteligência nos leva a interagir e relacionar com o próprio objeto, sem que seja necessária uma atividade reflexiva. A inteligência e o instinto conhecem através da

⁶⁸ VIEILLARD-BARON, 2007. Pág. 65.

⁶⁹ BERGSON. EC. 2001, pág. 140.

⁷⁰ *Ibidem*, pág. 131.

⁷¹ *Ibidem*, pág. 135.

observação e sobreposição do que já conhece sobre aquilo que é desconhecido, procurando semelhanças e relacionando-os, observando o que se repete em ambos e fazendo generalizações.

Não existe inteligência na qual não se descubra vestígios de instinto, não há instinto que não esteja envolto por uma franja de inteligência. Esta franja de inteligência foi causa de tantos equívocos. Do fato de o instinto ser sempre mais ou menos inteligente, concluiu-se que inteligência e instinto são coisas da mesma ordem, que entre eles apenas existe uma diferença de complexificação ou de perfeição, e sobretudo que cada um se pode exprimir em termos do outro. Na verdade, apenas se acompanham porque se complementam, e só se completam porque são diferentes: o que há de instintivo no instinto é de sentido oposto ao o que há de inteligente na inteligência.⁷²

Bergson confere à inteligência o papel de fundamental importância para a ciência, e para a manipulação da matéria pelo homem. Graças a inteligência humana podemos fabricar instrumentos para a ação humana sobre a matéria, visando a melhoria da técnica do homem sobre as coisas. A inteligência está voltada para a ciência, é graças a ela que produzimos ciência, sendo assim, o método utilizado pela inteligência é o método científico, o método que lida com a justaposição e a divisibilidade da matéria no espaço.

Não há dúvida que existe inteligência onde quer que haja inferência; mas a inferência, que consiste na inflexão da experiência passada no sentido da experiência presente, é já um início de invenção. (...) Em resumo, a inteligência, considerada no que parece ser a sua atividade original, é a faculdade de fabricar objetos artificiais, em particular utensílios para fazer utensílios, e de variar indefinidamente a sua fabricação.⁷³

A inteligência apropria-se do mundo através de ferramentas, calcula e prevê intervalos no plano espaço-tempo; a intuição, ao contrário, penetra no interior da consciência e designa um conhecimento imediato. Através da percepção, ela apreende de imediato e por inteiro seu objeto, sem a necessidade de fracionar o tempo em intervalos para poder compreendê-lo. “Limitemo-nos

⁷² *Ibidem*, pág. 127.

⁷³ *Ibidem*, pág. 129-130.

a afirmar que a inteligência é caracterizada pelo poder indefinido de decompor segundo qualquer lei e de recompor segundo qualquer sistema.”⁷⁴ Desse modo caracteriza-se também a ciência.

⁷⁴ *Idem*, EC. 2001. pág. 145.

4. O MÉTODO INTUITIVO

Todas as antinomias metafísicas e seus problemas insolúveis no decorrer da história da filosofia – tais como a origem do ser e as ideias de desordem e de nada – advêm da concepção intelectualista que pretende expressar o movente em termos espaciais, fazendo, dessa forma, com que o tempo seja constituído de partes distintas e justapostas, e deixando passar intocado aquilo que, para Bergson, deve ser o objeto da metafísica: a duração. Aqui, abordaremos a possibilidade de conhecimento dos objetos e de si mesmo: pensar e refletir sobre o sentido da vida e da realidade, que só se torna possível através da intuição. “Conhecer é unir-se a uma coisa e, em certo sentido, tornar-se a própria coisa; é coincidir o conhecimento do objeto com o conhecimento de si mesmo.”⁷⁵ Através da “simpatia” com o objeto, podemos – por assim dizer – unir-nos ao objeto e coincidir com o seu conhecimento, tornando possível também o conhecimento de nós mesmos. Destacaremos a importância de um método específico e os detalhes específicos desse método elaborado pelo nosso autor.

4.1. As regras do método

A intuição como método, proposta por Bergson, tem como princípio fundamental excluir os “falsos problemas” aos quais estamos adaptados por meio da repetição, e substituí-los pelos “problemas com verdade” por meio da criação, com o objetivo de tornar a filosofia uma disciplina mais eficiente. Já com a intuição como uma faculdade de conhecimento, pretende-se constituir uma nova definição de metafísica, e que seja possível encontrar a sua relação com a matéria na experiência de uma realidade concreta. A relação entre inteligência e intuição nos permite alargar a nossa percepção em relação as coisas internas e externas a nós.

Bergson propõe *três regras* para a intuição como método filosófico.

a. *Colocação do problema*: “Aplicar a prova do verdadeiro e do falso aos próprios problemas, denunciar os falsos problemas, reconciliar verdade e criação no nível dos problemas.”⁷⁶ No que diz respeito a essa primeira regra, o nosso autor afirma que são os problemas que devem ser considerados como verdadeiros ou falsos, e não as soluções. “Não se

⁷⁵ SAYEGH, 2008. Pág. 27

aprende a pensar por si mesmo, mas vive-se a superficialidade da soma de concepções adquiridas; eis já o início de preconceito a que a sociedade nos conduz.”⁷⁷ Buscar soluções para os problemas que já se encontram propostos seria apenas um ato de repetição e obediência, que difere da criação. Para Bergson a liberdade nada mais é do que o poder de criar os próprios problemas. Os problemas inexistentes “são aqueles problemas insolúveis que não se preocupam com o ser, mas com o não ser.”⁷⁸ Como se estivéssemos fadados a seguir um caminho já percorrido, somos levados a tomar decisões de escolhas com base no que a sociedade acredita ser a melhor para cada um de nós, enquanto desconhecemos até mesmo quem somos para seguir o que já está definido.

Nós estamos habituados a considerar os problemas de forma contrária à maneira em que Bergson os descreve: seguimos as mesmas regras de comparação entre um objeto e outro em praticamente todos os campos de nossas experiências; reconhecemos uma “régua” como se fosse a única, e assim comparamos todas as outras; e se algo é desconhecido ou não se encaixa no padrão que determinamos, o excluimos como se fosse errado ou indigno de ser ao menos considerado. A nossa percepção é habituada e coloca tudo como se fosse passível de ser mensurado. Uma qualidade não pode ser mensurada como se mede algo material que se encontra no espaço, não há um objeto capaz de representar uma experiência qualitativa, faz se apenas aproximações para que a qualidade possa ser expressada e identificada em termos quantitativos. “No espaço a representação tem por objeto natural um passado separado do presente, isto é, parcialmente isolado de sua compenetração qualitativa com o presente.”⁷⁹ Na representação de um movimento, por exemplo: pegamos um movimento já percorrido em certos pontos no espaço, os imobilizamos, dividimos e depois retiramos de todo o movimento as partes que nos interessa. O que se representa é o passado do movimento; enquanto representação, somente uma parte dele é considerada. Ao realizar recortes, nos deparamos com inúmeros problemas filosóficos que somente nos afastam do verdadeiro problema, ou são insolúveis. Um problema falso permitiria respostas em termos quantitativos que nos colocaria em mistos mal elaborados, como no caso da confusão entre quantidade e qualidade, espaço e tempo, objetivo e subjetivo. As mais variadas

⁷⁶ DELEUZE, 1999. Pág. 11

⁷⁷ SAYEGH, 2008. Pág. 53

⁷⁸ Ibidem. Pág. 55

discussões a cerca do determinismo *versus* liberdade, do ser *versus* não-ser, da ordem e desordem surgem devido aos problemas mal colocados.

b. *Descoberta das verdadeiras diferenças*: “Lutar contra a ilusão, reencontrar as verdadeiras diferenças de natureza ou as articulações do real.”⁸⁰ A segunda regra do método sugere a importância de descobrir as verdadeiras diferenças de natureza. Temos o hábito de tentar colocar no espaço fenômenos que de fato não ocupam espaço, mas cuja existência se dá no tempo, na duração. Representamos da mesma maneira as coisas extensas e as inextensas, sem levar em consideração a diferença de natureza das duas. “Faz-se das diferenças de grau justaposições de uma suposta unidade, impura e simbólica, quando na verdade faz-se necessário estabelecermos diferenças de natureza para podermos captar uma unidade pura e real distinta da matéria.”⁸¹ Usar representações espaciais para falar sobre coisas que não possuem matéria sem conhecer ou identificar suas diferenças de natureza faz com que geramos problemas mal colocados. A verdadeira diferença entre espaço e tempo, matéria e espírito, são diferenças *de natureza*. E essas diferenças precisam ser reconhecidas na colocação de um problema. A intuição parte do real para explicar o movimento da duração.

c. *Integração do tempo*: “Colocar os problemas e resolvê-los mais em função do tempo do que do espaço. (...) a intuição supõe a duração.”⁸² A terceira regra baseia-se em colocarmos os problemas e as soluções em função do tempo, mais do que do espaço; devemos pensar por meio do tempo e não do espaço, por meio da intuição e não somente da inteligência, pois distinguir os problemas falsos dos problemas com verdade é possível apenas por meio da intuição, que nos faz pensar em termos de duração. A questão do tempo é um problema que compete à filosofia resolver, mas o tempo que tratamos na filosofia é o tempo da duração, e não o tempo divisível e mensurável, com o qual lida a ciência. A intuição alcança a duração como um todo, o passado contido no presente e ambos alargados no futuro. Bergson pretende devolver ao pensamento a sua mobilidade; no método intuitivo, os conceitos utilizados são fluídos e flexíveis como a própria realidade.

⁷⁹ Ibidem. Pág. 56-57

⁸⁰ DELEUZE, 1999. Pág. 16

⁸¹ SAYEGH, 2008. Pág. 59

Quem segue o método analítico lida com a análise: parte dos conceitos para a realidade. Já no método intuitivo, realizamos o movimento contrário: partimos da realidade para os conceitos, e há muitas dificuldades ao fazermos o movimento inverso, pois utilizamos sempre os conceitos já existentes na linguagem para cada objeto. Porém, não é impossível encontrar palavras adequadas para expressar uma intuição; claro que não será uma expressão exata, mas pode ser aproximada e se fazer compreender.

Com seu método intuitivo, o filósofo francês propõe um novo caminho, uma nova forma de fazer filosofia voltada para a realidade concreta. O método da intuição, elaborado por ele, deve ser o instrumento da filosofia para a compreensão da realidade. “(...) na totalidade de movimentos, a intuição segue a direção do espírito e é o método próprio da metafísica do espírito, porque somente ela, e não a inteligência, pode chegar à essência movente da totalidade da realidade.”⁸³ A intuição tem como essência a própria mudança e movimento, já a essência da inteligência é um recorte e representa certa imobilidade. Ao contrário da inteligência, a intuição nos permite conhecer a vida interior; ela é, como diz Bergson em a *Evolução Criadora*, o instinto tornado desinteressado, consciente de si mesmo, capaz de refletir sobre seu objeto e de alarga-lo indefinidamente: “A intuição aparece aqui modestamente, como o que permite à inteligência superar-se.”⁸⁴

4.2. A metafísica imanente à vida

A metafísica bergsoniana está fundamentada na interioridade e na imanência do movimento, tendo a duração como fundamento primeiro do ser. Ela compreende a psique e o vital como seus objetos, possibilitando o entendimento da relação entre o espírito e o corpo. Bergson tenta mostrar-nos o pano de fundo metafísico existente nas teorias científicas, fazendo uma análise do método científico, e deixando claro a ideia de que a matéria inerte é o principal objeto da ciência, enquanto defende que na experiência e realidade seja presente uma metafísica positiva.

⁸² DELEUZE, 1999. Pág. 25

⁸³ ROSSETI, 2004. Pág. 35.

⁸⁴ VIEILLARD-BARON, 2007. Pág. 67.

A metafísica estática, que nasce da imobilização do tempo, faz parte de toda história da filosofia, desde o momento em que Zenão dá início às análises do movimento. Mas suas análises se dão através de pontos de repouso, ele imobiliza o movimento e divide em vários pontos, substituindo o móvel pelo imóvel; obtendo apenas um conhecimento artificial e parcial do movimento.

As qualidades como instantes do movimento qualitativo, as formas como instantes do movimento evolutivo, e as ações como instantes de movimento extensivo. Representações que, por sua vez, são simbolizadas pelas principais categorias de palavras: adjetivos, nomes e verbos; palavras por meio das quais a inteligência pensa o mundo, constrói um sistema de compreensão da realidade e uma metafísica natural à inteligência, que idealiza uma essência imutável para o devir.⁸⁵

O movimento deve ser apreendido em sua totalidade, através de uma intuição da duração: assim, a experiência do movimento se daria na consciência como um todo absoluto, deixando de ser confundido com pontos no espaço, e sendo apreendido em sua natureza, que é temporal. Segundo Bergson, é na experiência que se assiste à relação entre metafísica e ciência, assim como intuição e inteligência; sendo assim, ele afirma a possibilidade de uma experiência metafísica, ao afirmar que: “A ciência, em sua função analítica, abarca uma parte da realidade, porém a outra parte deve pertencer a uma metafísica que, partindo igualmente da experiência, possa penetrar a realidade e não apenas pensá-la.”⁸⁶ Podemos dizer que a metafísica é o movimento da intuição. A intuição como a própria experiência metafísica completa, pois haveria entre o sujeito e o objeto uma “experiência ontológica”. Portanto, a duração não é objeto de reflexão, mas de experiência absoluta ao renunciar o exterior que poderia descaracterizá-la.⁸⁷

⁸⁵ ROSSETI, 2004. Pág. 39.

⁸⁶ SAYEGH, 2008. Pág. 20

4.2.1. O nada e a imutabilidade

Bergson afirma que existem ilusões teóricas, e que muitas vezes nós detemos sobre suas consequências e não sobre seus princípios. Na obra *A Evolução Criadora* (mais especificamente, no último capítulo), ele examina duas dessas ilusões, esboçando uma crítica dos sistemas fundada na análise das ideias de nada e de imutabilidade, colocando em questão os princípios para a definição da existência e o nada, e defendendo a ideia de “uma filosofia que vê na duração o próprio estofo da realidade.”⁸⁸

A realidade, segundo o nosso autor, nos aparece como um perpétuo devir, não está feita e realizada, se faz e se desfaz, está em movimento e mudança constantes. Mas para observar essa realidade do espírito e até mesmo da matéria, é preciso que ela apreenda através da inteligência uma representação imediata e desinteressada. Porém, devido a sua preocupação com a ação, a inteligência limita-se a lidar com as imagens instantâneas e imóveis. A consciência, ao se regular pela inteligência, preocupa-se apenas em observar o passado, o que já foi realizado, enquanto ela é o instante presente, a ação presente. As ilusões sobre a duração e o devir, nos faz crer que podemos pensar o instável pelo estável e o móvel pelo imóvel. As duas ilusões têm o mesmo princípio. Toda ação visa no fim um objeto de que nos sentimos privados, ou visa criar o que ainda não existe, tendo como finalidade, preencher um vazio, passando da ausência para a presença, do irreal ao real. A ausência só existe quando procuramos algo e não encontramos; quando a realidade existente não é a que imaginamos ou a que esperamos, dizemos que ela não existe. E da mesma maneira que aplicamos essas perspectivas na ação, aplicamos na nossa fala e no pensamento, também, “quando especulamos sobre a natureza das coisas independente do interesse que tenha para nós.”⁸⁹

A realidade ou a irrealidade, a presença ou a ausência, a ordem ou a desordem, são, assim, dependentes da perspectiva do sujeito que observa e do que ele procura, do que interessa para ele em relação ao que é observado: “A ideia de desordem é, pois, inteiramente prática. Corresponde a uma decepção de uma certa expectativa, e não designa a ausência de qualquer ordem, mas apenas

⁸⁷ MONTEIRO, 2018. Pág. 101-102

⁸⁸ BERGSON, 2001. p. 243.

a presença de uma ordem que não oferece interesse atual.”⁹⁰ A concepção de negação, assim como a de desordem, de vazio e de nada, é um erro. O mistério é que o nada e o vazio preexistem na presença de qualquer coisa existente. Para colocar a duração e a livre escolha como base das coisas, precisamos desvendar esse mistério. Muitas vezes, a metafísica só se evidencia ao ser quando reflete o mistério do nada. A existência que dura não é suficiente para suprir a inexistência, por isso o ser é dotado de uma existência lógica, sendo a psicológica ou a física descartadas ou desconsideradas. “Pois a natureza de uma existência puramente lógica consiste em parecer autossuficiente, e afirmar-se apenas pelo efeito da força imanente à verdade.”⁹¹ Uma existência física não consegue por si mesma vencer a inexistência. A essência lógica consiste em traçar uma possível realidade de acordo com certa lei.

Suponhamos, então, que o princípio sobre o qual todas as coisas assentam e todas as coisas se manifestam possui uma existência da mesma natureza da definição de um círculo, ou do axioma $A=A$: o mistério da existência desvanece-se, pois o ser que está na base de tudo afirma-se, então, no eterno, tal como se afirma a própria lógica.⁹²

A causalidade eficiente, no sentido de uma livre escolha, não teria lugar onde as coisas resultassem de um axioma lógico ou de uma definição matemática, como tentam explicar a existência e o princípio de todas as coisas, através da aplicação de um axioma ou as consequências de uma definição. A ideia de nada, no sentido de oposição à de existência, seria apenas uma pseudo-ideia, assim, como os problemas originados seriam pseudoproblemas. Possibilitando a aceitação da ideia de uma duração absoluta, a filosofia aproximaria-se mais da intuição.

Podemos conceber o nada, mas não imaginá-lo. A imaginação sempre representa um objeto, exterior ou interior; ou ela pode ir de um para o outro, ou ainda imaginar sem nada de percepção exterior, ou sem nada de percepção interior. Mas não podemos imaginar um nada *existente*, e que subtrai tanto ao externo quanto ao interno ao mesmo tempo: “(...) não se pode

⁸⁹ *Ibidem.* p. 244.

⁹⁰ *Ibidem.* p. 245.

⁹¹ *Ibidem.* p. 247.

imaginar um nada sem se aperceber, pelo menos confusamente, que se imagina, ou seja, que se age, que se pensa, e que alguma coisa, por conseguinte, ainda subsiste.”⁹³ A ideia do nada, ou o “vazio absoluto”, desconstituído de qualquer pensamento, é absurda, porque para imaginar o nada é preciso usar a imaginação e o pensamento. E a imagem do nada é constituída de alguma coisa que oscila entre uma realidade externa e uma realidade interna: “Neste vaivém do nosso espírito entre o fora e o dentro, há um ponto, situado a igual distância dos dois, em que parece que já não nos apercebemos de um e que ainda não nos apercebemos do outro.”⁹⁴ Nesse ponto é formada a imagem do nada, e ela nada mais é que o encontro de duas realidades distintas; este nada não se opõe ao ser e também não é o seu princípio, é a abolição de tudo, o encerramento da existência. Essa tese diz que podemos supor abolidos todos os objetos da nossa experiência: “(...) o nada é apenas o limite para que tende a operação. E o nada assim definido é a abolição de tudo. Esta é a tese, e basta considerá-la sob esta forma para perceber o seu caráter absurdo.”⁹⁵

A ideia da constituição de um círculo independe do material utilizado, se é ferro, bronze, cartão, e etc. independe da sua cor. A certeza que tenho é que não será um círculo quadrado, porque a lei que constrói um círculo não permite defini-lo com linhas retas. Assim, é abolida qualquer ideia que não corrobora ou que seja contraditória à construção de um círculo. A ideia da operação de uma abolição de tudo é a mesma que a de um círculo quadrado: ainda que efetuemos essa operação, sempre restará “alguma coisa”. A abolição de tudo e o círculo quadrado são apenas palavras, porque não existe vazio absoluto na natureza.

Admitamos, porém, que o vazio absoluto seja possível; não é esse vazio que penso quando digo que o objeto, uma vez abolido, deixa o seu lugar livre, pois trata-se por hipótese de um lugar, ou seja, de um vazio limitado por contornos definidos, ou seja, por uma espécie de coisa. O vazio de que falo é então, no fundo, apenas ausência de algum objeto determinado, que estava antes aqui e que se encontra agora noutro lugar; e, na medida em que já não está no seu antigo lugar, deixa atrás de si, por assim dizer, o vazio de si mesmo. Um ser que

⁹² *Ibidem.* p. 247.

⁹³ *Ibidem.* p. 249.

⁹⁴ *Ibidem.* p. 249.

⁹⁵ *Ibidem.* p. 250.

não fosse dotado de memória ou de previsão nunca pronunciaria aqui as palavras <<vazio>> ou <<nada>>.⁹⁶

No interior de si mesma, a consciência percebe os fatos, que são outras tantas presenças; e o presente, formando a duração, é constante: posso até fazer uma suposição de algum fato sobre mim, mas esta suposição ainda será sobre o mundo exterior, tendo em vista que uso características exteriores; poderia até fazer um esforço para comunicar o que se passa em minha consciência (posso acessar a minha duração através da intuição), mas ainda assim descrever em linguagem os meus estados interiores seria uma tarefa difícil, teria que haver uma exploração da linguagem, até chegar em palavras que realmente se aproximassem à tais estados. Pois, na consciência, o pleno sucede sempre o pleno. É possível perceber a influência metafísica na experiência exterior; se a inteligência se regulasse apenas pela materialidade do objeto, não seria possível conceber uma ausência, ou um vazio.

O que percebemos não é o nada ou o vazio, mas a presença de alguma coisa que não se encontrava naquele lugar, apenas não encontramos o que esperávamos estar ali; a ausência só existe para os seres dotados de memória, que são capazes de recordar e de esperar. Tudo que exprimimos negativamente com as palavras nada ou vazio, é a decepção de nossas expectativas sobre os objetos. Aqui a abolição entende-se como a substituição de uma coisa por outra. Pelo lado subjetivo podemos observar a preferência pelo objeto antigo, já do lado objetivo podemos notar uma substituição: há aqui uma combinação ou uma interferência, o sentimento de preferência e a ideia de substituição. Esta operação é realizada pelo espírito quando faz a abolição de um objeto para representar no mundo exterior um nada parcial.

(...) quer se trate de um vazio de matéria ou de um vazio de consciência, a representação do vazio é sempre uma representação plena, que se decompõe na análise em dois elementos positivos: a ideia, distinta ou confusa, de uma substituição, e o sentimento, experienciado ou imaginado, de um desejo ou de um desapontamento.⁹⁷

⁹⁶ *Ibidem.* p. 250-251.

⁹⁷ *Ibidem.* p. 252.

Assim, concluímos que a ideia do nada absoluto, de uma abolição de tudo, é tão absurda quanto a de um círculo quadrado. Pois a supressão de uma coisa, implica substituí-la por outra, e a supressão de tudo implica uma contradição. Só no pensamento a coisa antiga continua presente.

Abolição implica suprimir um objeto no espaço e no tempo. Usaremos a palavra “inexistente”, para representar um objeto abolido ou ausente. Pensemos um objeto A existente: não podemos representar um objeto sem antes atribuir a ele a realidade de sua existência. “Entre pensar um objeto e pensá-lo existente não há qualquer diferença.”⁹⁸ Pensar um objeto já implica a sua existência, pois na ideia do objeto o atributo da existência está presente na sua representação e é inseparável do objeto; a existência de uma simples possibilidade é uma existência ideal e inseparável da representação. Do mesmo modo que, em pensar a inexistência de um objeto, necessariamente a sua existência antecede no pensamento a inexistência deste mesmo objeto. A inexistência é um acréscimo à ideia do objeto. “Pensar o objeto A inexistente é pensar primeiro o objeto, e por conseguinte, pensá-lo existente; depois é pensar que outra realidade, com a qual é incomparável, o suplanta.”⁹⁹ A inexistência de um objeto implica a exclusão de sua realidade, substituída por uma nova, na qual a representação do objeto não se encontra mais presente. A ideia do objeto inexistente é a ideia do objeto existente somada à sua exclusão da realidade atual; por isso, há mais na ideia do objeto não existente do que na ideia do objeto existente. A negação é uma operação inteiramente intelectual, independe do que acontece fora do espírito. É do poder inerente a negação que nascem os erros e as dificuldades, da representação da negação equivalente à afirmação: “Afirmando uma coisa, depois outra coisa, e assim sucessivamente, forma-se a ideia de Tudo; igualmente, negando uma coisa, depois as outras, por fim negando Tudo, chega-se à ideia de Nada. Mas é precisamente esta assimilação que nos parece arbitrária.”¹⁰⁰

A negação é parte de um ato intelectual, consiste em rejeitar uma afirmação. Já a afirmação é um ato completo do espírito, que pode constituir uma ideia. “Quando digo: <<esta mesa é preta>>, é da mesa que falo; vi-a preta, e o meu juízo traduz o que vi. Mas se digo: <<esta mesa não é branca>> não explico certamente algo que tenha visto, pois o que vi foi o preto, e

⁹⁸ *Ibidem.* p. 254

⁹⁹ *Ibidem.* p. 254.

não uma ausência de branco.”¹⁰¹ Ao afirmar algo sobre a mesa, estou fazendo um juízo sobre a mesa, mas ao negar um juízo, eu julgo um juízo e não a mesa, negar é julgar um juízo, é alertar para prevenir sobre a exclusão de determinado juízo que não deve ser atribuído a determinado objeto, mas ao negar eu deixo indeterminado o juízo sobre o objeto. “Assim, enquanto a afirmação assenta diretamente na coisa, a negação visa a coisa apenas indiretamente, através de uma afirmação entreposta. Uma proposição afirmativa traduz um juízo feito sobre um objeto; uma proposição negativa traduz um juízo feito sobre um juízo.”¹⁰²

A função da negação consiste em advertir e possivelmente corrigir alguém ou a si mesmo, ela visa alguém e não necessariamente alguma coisa. Por isso possui essência pedagógica e social. “Se enuncio a proposição negativa <<esta mesa não é branca>>, entendo por ela que se deve substituir o juízo <<a mesa é branca>> por outro. Faço uma advertência, e a advertência refere-se à necessidade de uma substituição.”¹⁰³ Não digo nada sobre a mesa, deixo indeterminado qualquer juízo sobre a mesa, um juízo negativo adverte que a afirmação deste juízo deve ser substituída por um outro juízo afirmativo, alerta que esta afirmação não é válida para este objeto. A negação não constitui nenhuma ideia, pois o conteúdo de uma negação é o juízo afirmativo que ela ajuíza.

A pura ideia de um objeto atribui a ele uma possível existência. Quando digo algo sobre algum objeto, estou atribuindo a ele a possibilidade de existência. E quando digo “o objeto não é”, há uma possível afirmação por trás dessa negação, significa que “o objeto foi” ou que “o objeto será”; com isso podemos mostrar a possibilidade da existência desse objeto. “Os juízos que afirmam a não existência de uma coisa são, pois, juízos que formulam um contraste entre o possível e o atual.”¹⁰⁴ Podemos identificar aqui duas espécies de existência, uma pensada e a outra verificada.

A afirmação e a negação exprimem-se por meio de proposições, por isso estão na mesma linha, e ambas possuem objetividade. Ambas são relativas à vida social e à inteligência humana,

¹⁰⁰ *Ibidem.* p. 255.

¹⁰¹ *Ibidem.* p. 256.

¹⁰² *Ibidem.* p. 256.

¹⁰³ *Ibidem.* p. 257.

elas visam um fim social e pedagógico, onde a afirmação se refere à uma verdade e a negação refere-se a uma advertência. Para a lógica formal, no que diz sobre a relação entre um sujeito e um atributo, as duas são simétricas: a primeira exprime uma relação de adequação, e a segunda uma relação de inadequação. “Mas como não ver que a simetria é meramente externa e que a semelhança é artificial?”¹⁰⁵ Sem a linguagem não haveria a negação, pois não se poderia receber uma impressão da negação, e a afirmação não possui poder de advertir. “Para que tal inteligência viesse a negar, seria preciso que despertasse do seu torpor, que formulasse a decepção de uma expectativa real ou possível, que corrigisse um erro atual ou eventual, enfim, que se propusesse a ensinar os outros ou a si mesma.”¹⁰⁶ Pode se dizer que a negação apresenta-se sob duas formas de afirmações: uma delas é determinada e dirige para um certo possível, a outra é indeterminada e se refere a uma realidade desconhecida (a segunda afirmação é o juízo que fazemos da primeira, a negação como juízo do juízo). O caráter subjetivo da negação está no fato de que ao negar eu verifico uma substituição, mas não me ocupo com o que virá a substituir.

Quando negamos, observamos o passado para ver uma substituição do que era, sem que necessariamente seja preciso ter conhecimento do que será. De certa forma a negação depende também da memória, das percepções passadas:

Em resumo, para um espírito que seguisse pura e simplesmente o fio da experiência, não haveria vazio, não haveria o nada, mesmo relativo ou parcial, não haveria negação possível. Um tal espírito veria fatos sucedendo-se a fatos, estados a estados, coisas a coisas. O que ele notaria em todos os momentos seriam coisas que existem, estados que aparecem, fatos que se produzem. Viveria no atual e, se fosse capaz de ajuizar, afirmaria sempre apenas a existência do presente.¹⁰⁷

A negação formula não só a decepção do indivíduo, mas também corrige e previne para evitar um erro. A ideia de vazio ou de nada não se refere somente à uma coisa substituída, mas ao vazio que ela deixa na sua ausência pela negação de si mesma, e a afirmação de substituição é sempre deixada de lado. “Mas a forma negativa da negação beneficia da afirmação que está na

¹⁰⁴ *Ibidem.* p. 258.

¹⁰⁵ *Ibidem.* p. 259.

¹⁰⁶ *Ibidem.* p. 260.

¹⁰⁷ *Ibidem.* p. 261.

sua base: apoiando-se no corpo da realidade positiva a que está ligado, este fantasma objetiva-se.”¹⁰⁸ Esse “fantasma” que se objetiva forma a ideia de vazio ou de nada. Esta ideia de nada é no fundo a ideia de tudo em relação com o movimento do espírito, que “salta” de um ponto a outro, e ao se afastar do seu passado, volta para observá-lo da posição atual em que se encontra; ele se vira para o que acabou de deixar para trás.

A questão: “Porque existe alguma coisa?” é um pseudoproblema, uma questão sem sentido, gerada por uma pseudo-ideia. A ideia de inexistência nada mais é que a ideia de uma realidade possível, que vêm a ser substituída pela verdadeira realidade. A negação não possui poder de criar representações de um novo gênero. “Persiste sempre a convicção de que antes das coisas, ou pelo menos sob as coisas, há o nada.”¹⁰⁹ De um ponto de vista filosófico, as dificuldades surgem quando as ações humanas se aventuram fora do seu domínio próprio. O ser humano está mais para ação do que para o pensamento, e quase sempre pensamos para agir, para executar uma ação; e uma ação finda sempre um objetivo. A ideia de uma abolição de tudo é reduzida aqui a mera palavra. A ilusão de que existe um vazio na qual a realidade vem a preenché-lo está na base de todas as coisas.

(...) uma realidade autossuficiente não é necessariamente estranha à duração. Se passarmos (consciente ou inconscientemente) pela ideia do nada para chegarmos à do Ser, o Ser a que chegamos é uma essência lógica ou matemática, portanto intemporal. E, por conseguinte, impõe-se uma concepção estática do real: tudo parece já dado de uma vez por todas, na eternidade. Mas é preciso habituarmos a pensar o Ser diretamente, sem desvios, sem recorrermos primeiro ao fantasma do nada que se interpõe entre ele e nós. Devemo-nos esforçar em ver para ver, e não em ver para agir. Então o absoluto revela-se muito próximo de nós e, em certa medida, dentro de nós, mas, em certos aspectos, mais concentrado e mais fletido sobre si mesmo, ele dura.¹¹⁰

A inteligência está habituada a pensar o móvel pelo imóvel, por isso não alcança a duração. Uma das funções da inteligência é presidir ações, não importando com os meios. O que

¹⁰⁸ *Ibidem.* p. 262-263.

¹⁰⁹ *Ibidem.* p. 263.

¹¹⁰ *Ibidem.* p. 265.

lhe importa são os resultados, os fins alcançados. “A inteligência apenas representa à atividade fins a atingir, ou seja, pontos de repouso.”¹¹¹ A ciência imobiliza o móvel, reduzindo-o na menor fração perceptível de segundo, e exclui tudo que não possa se encaixar nos seus métodos. Mas mesmo considerando as qualidades num estado estável, o corpo ainda é instável, porque encontra-se em constante mudança de qualidades. A realidade é um movimento constante, excluindo assim a possibilidade de existência de uma forma. “(...) a forma é apenas uma fotografia de uma transição.”¹¹² E a realidade encontra-se em constante mudança contínua de forma. É na duração, como tempo da consciência, indivisível e imensurável que podemos encontrar a realidade uma do todo, constituída por uma multiplicidade.

4.3. A relação entre inteligência e intuição

Assim como espaço e tempo se diferem, inteligência e intuição também se ocupam de objetos diferentes. A intenção de Bergson é definir o papel da filosofia e da ciência; ele diz que a filosofia não deve se utilizar do método que é utilizado pela ciência: o método empregado pela filosofia deve ser o da intuição, que permite o conhecimento do real absoluto, e a criação e evolução. Sendo assim, a filosofia é uma disciplina de extrema importância na vida cotidiana das pessoas, é ela que nos dá auxílio e base para refletir e questionar o que nos é imposto pela ciência e pelo uso exclusivo da inteligência. Uma filosofia aplicada nos moldes da intuição nos permite uma possível ampliação da capacidade de conhecer a realidade concreta, e assim melhor conduzir nossa vida e nosso convívio em sociedade.

Tanto o âmbito científico quanto o metafísico, devem utilizar-se do método proposto para cada uma de suas áreas, evitando assim os conflitos e as confusões causadas pela interferência e sobreposição de um deles. Porém, filosofia e ciência não devem jamais se excluir, mas complementar-se. Aquilo que não compete à ciência cabe à filosofia resolver, e o que diz respeito à matéria como quantitativa é de competência da ciência. A ciência foi colocada como verdade única e inquestionável, mas ela não dá conta de tudo, nem possui todas as respostas. Os problemas que ela não é capaz de solucionar são de competência da filosofia, que nesse sentido iria complementar a ciência.

¹¹¹ *Ibidem.* p. 266.

¹¹² *Ibidem.* p. 268.

A intuição compreendida no sentido bergsoniano, ela é um voltar para dentro de si, uma reflexão interior sobre nossas ações e pensamentos, é um refletir antes e depois da ação de modo que o “eu” estará sempre atento a refletir sobre si mesmo e sobre o que o cerca, para que possa visualizar por si os problemas reais e através deles e da reflexão encontrar as soluções as quais deverão ser tomadas. A intuição não é, portanto, nem o instinto, nem o sentimento; ela é reflexão. Através do esforço da intuição nos separamos dos hábitos e das vontades para conhecer através da duração. Pensar através da intuição não é tarefa fácil, é aparentemente impraticável. Mas é a intuição que nos leva ao impulso da vida e da criação. Pensar e refletir sobre o sentido da vida e da realidade só é possível através da intuição. Somente a filosofia pode nos levar a esta apreensão profunda da realidade. A intuição nos conduz além da linguagem, e através de uma reflexão profunda podemos apreender a realidade, pelo pensamento ela ultrapassa o entendimento, como uma espécie de simpatia intelectual ela nos transporta para o interior do objeto de conhecimento e assim coincidimos com o que há nele. “Chamamos aqui de intuição a simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único e, por conseguinte de inexprimível.”¹¹³

O processo da intuição é uma dilatação da consciência que nos liberta da escravidão do utilitarismo e da repetição. Intuir é transcender, mas não transcender no sentido de ir além dos limites do espaço-temporal, limite esse que a nossa sensibilidade não pode ultrapassar, mas transcender no sentido de dilatar a consciência qualitativa, dilatar a consciência na dimensão temporal.

Ao apresentar os conceitos e as distinções no que se referem à ciência e à filosofia, Bergson não pretende desmerecer ou excluir uma em relação à outra, mas propor uma reconciliação, definindo o papel e a importância de cada uma delas. Também, podemos observar a proposta do autor em relação à definição de uma metafísica existente na experiência. Uma nova metafísica, diferente da tradicional, na qual o filósofo francês evidencia a importância do sujeito como autor de seus próprios problemas, e conseqüentemente uma psicologia que observe o sujeito em sua interioridade, em sua duração, e não apenas como um organismo complexo que a ciência tenta medir e dividir para desvendar seus mistérios.

¹¹³ BERGSON. PM. 2006, pág., pág. 187.

A intuição, à primeira vista, parece preferível à inteligência, já que a vida e a consciência permanecem aí interiores a si próprias. Mas o espetáculo da evolução dos seres vivos mostra-nos que ela não podia ir muito longe. Ao lado da intuição, a consciência encontrou-se de tal modo comprimida pelo seu invólucro que a intuição teve de se encolher em instinto, ou seja, abarcar apenas a pequena porção de vida que lhe interessava – ainda a abarca na sombra, tocando-a quase sem ver. Deste lado, o horizonte fechou-se imediatamente. Pelo contrário, a consciência, ao determinar-se em inteligência, ou seja, ao concentrar-se primeiro na matéria, parece assim exteriorizar-se relativamente a si própria; mas, precisamente porque se adapta aos objetos a partir de fora, acaba por circular por entre eles, ladear as barreiras que se lhe opõem, alargando indefinidamente o seu domínio. Uma vez liberta. Pode então fletir para o interior, e despertar as potencialidades de intuição que ainda dorme nela.¹¹⁴

A intuição nos permite a aproximação da realidade como ela é. Sendo o julgamento dado por meio da inteligência, já o conhecimento se torna possível através da intuição. A inteligência é imprescindível para qualquer tipo de conhecimento, mas é insuficiente sozinha, assim como a intuição. Por isso há a necessidade de complemento entre uma e outra. A intuição nos permite o conhecimento interior, e a inteligência nos permite o conhecimento exterior. Bergson define a intuição como apreensão imediata por coincidência com o objeto, enquanto a inteligência é definida como um guia para o comportamento e o conhecimento exterior. Ele se preocupa em apresentar os conceitos de inteligência e intuição tentando chamar a atenção para o problema e o perigo da ciência ao ser colocada como única verdade inquestionável, negligenciando o conhecimento intuitivo e filosófico.

Há em nós dois movimentos: um interior, e o outro exterior a nós. Um é o movimento da consciência, a duração e a criação; outro é o movimento inteligente que visa nossas ações sobre a matéria, em função do nosso conforto e praticidade. São as ações livres e a criação, que revelam o sentido metafísico da vida; sentido esse que está no movimento vital. Já a obrigação está condicionada à um conjunto de hábitos.

¹¹⁴ *Ibidem*, pág. 167.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: FILOSOFIA E CIÊNCIA

Este último breve capítulo conclusivo, a partir do que já vimos até agora sobre as ideias bergsonianas, será dedicado à análise da proposta identificada nas teorias de Bergson, de uma conciliação entre filosofia e ciência, destacando a necessidade de cada conhecimento para a sociedade e para o indivíduo, bem como as consequências da exclusão de um desses conhecimentos ou até mesmo dos dois. Para isso, destacaremos a importância de cada um desses conhecimentos para o desenvolvimento humano. A filosofia e a ciência possuem ambas um papel fundamental na sociedade e na individualidade do ser humano. A filosofia torna-se mais precisa, na medida em que ela abarca em sua totalidade a experiência científica e as consequências metafísicas. O papel da filosofia, será manter e dilatar a vaga intuição, que, mesmo enfraquecida, ainda existe, recuperando a nossa capacidade de criação. O sentido da filosofia, é tentar ultrapassar os limites da condição humana. A filosofia trata das qualidades dos objetos a fim de compreendê-las, ao passo que a ciência compreende os objetos em termos quantitativos. Bergson propõe uma intuição filosófica flexível, dinâmica e móvel.

Se o objeto da filosofia consiste em apreender o uno que se encontra além das partes que o pensamento científico recorta, sua precisão, porém, consiste na própria inexatidão, na medida em que capta o objeto em sua realidade movente e não cristalizada. No caso da ciência, Bergson a tem por imprecisa, pelo fato de aplicar conceitos exatos, rígidos, que generalizam e que portam apenas uma imitação do real. No caso da intuição filosófica trata-se antes de uma precisão dinâmica, em oposição à precisão estática da ciência. O que ela (a metafísica) perderá com relação à ciência em utilidade e rigor, ganhará em bagagem e extensão. É justamente por constituir uma realidade dinâmica e sempre a ponto de fazer-se, que jamais devemos pretender uma certeza final e acabada.¹¹⁵

A filosofia e a ciência se diferem apenas em métodos e objetos, mas possuem igualdade de valor. A inteligência que tende para a matéria possui o mesmo valor que a intuição, a qual tende para o espírito, já que há entre a matéria e o espírito uma relação de complementariedade, e

uma é necessária para a experiência da outra. “(...) ciência e metafísica devem prestar-se mútuo apoio, para que seja possível uma ciência mais profunda e uma metafísica mais positiva.”¹¹⁵

A intuição é o método preciso para que a filosofia possa compreender a realidade movente em sua totalidade, pois ao utilizar de outro método que não seja a intuição, ela se restringirá apenas ao conhecimento parcial. Só é possível o conhecimento do todo, porque o movimento existe em nós através da essência imanente a toda realidade, o *élan vital*. Assim podemos acessar e intuir o movimento.

Metaforicamente, podemos dizer que o ser, por meio da inteligência, imaginou uma morada; esta morada colocava limites e o separava do restante do mundo. Isolada e curiosa em conhecer os limites do mundo, a inteligência abandonou sua casa; saiu pela porta deixando-a trancada por dentro. Da exterioridade, contemplou sua casa ao longe e passou o resto de sua existência indagando o que havia lá dentro, sem conseguir adentrar novamente. Iludida, não percebeu que não há casa, não há porta, nem trancas; não há exterioridade, nem limites. Há um todo movente, interior a si, no qual somos, também, movimento e interioridade.¹¹⁷

Wolfgang Smith, físico e autor do livro *Cosmos e Transcendência*, publicado no ano de 2008, aborda em sua obra várias críticas às crenças científicas. O autor afirma que a ciência exclui tudo aquilo que não se encaixa em termos matemáticos abstratos, e que as descobertas científicas trazem em si pressupostos metafísicos. A ciência opera com a observação de fenômenos, não sendo possível um conhecimento científico a cerca das coisas em si. Para ela, o que realmente existe é o que pode ser mensurável, e a herança moderna nos traz os moldes matemáticos e a ciência como único conhecimento verdadeiro, apesar de muitas coisas ainda não serem possíveis a explicação através de um método científico. O fato de a ciência trazer consigo pressupostos metafísicos não é visto como um problema aos olhos dos cientistas, mesmo muitos deles negando a possibilidade de uma experiência metafísica. Smith afirma que a identidade, apesar de ser um conceito encontrado na lógica e na matemática, é um conceito puramente

¹¹⁵ SAYEGH, 2008. Pág. 49

¹¹⁶ *Ibidem*. Pág. 20

¹¹⁷ ROSSETI, 2004. Pág. 158

metafísico, ao passo que, como conceito físico, ela não faz nenhum sentido, assim como a ideia de tempo homogêneo e de espaço vazio são somente abstrações matemáticas.

Smith admite o tempo em si mesmo como uma potência que se efetiva na duração. Ele afirma: “E assim é – pois o que jaz no passado está morto e o que pertence ao futuro ainda está por nascer. De maneira que o presente – esse aparente “pronto” destituído de toda e qualquer magnitude – curiosamente parece conter em si tudo que já foi e que há de ser.”¹¹⁸ Essa ideia de tempo “smithiana” é semelhante ao conceito de tempo bergsoniano; porém, em Bergson, o passado não morre, ele é atualizado no presente. A artificialidade dos cosmos, constituída pelo homem através da inteligência é que nos afasta do verdadeiro sentido da vida, constitui um mundo irreal para a compreensão da física e da psicologia. Desse modo, nos afastamos de nossa capacidade de conhecer a realidade. “O homem tem aptidão para conhecer o universo porque, num sentido, o universo preexiste dentro do homem.”¹¹⁹ A realidade da natureza humana é imensurável e inexplicável por métodos científicos. O conhecimento pela ciência é adquirido através de instrumentos produzidos pelo próprio homem, para conhecer a matéria, a forma externa. O conhecimento interno encontra-se distante da ciência, o lado espiritual não tem importância para a ciência. Podemos manipular e conhecer o mundo exterior com os inúmeros aparelhos e ferramentas criados com os grandes avanços tecnológicos e científicos, mas o lado espiritual (o nosso interior) encontra-se cada vez mais incompreensível, enquanto continuarmos tentar aplicar os mesmos métodos externos para o conhecimento interno.

É óbvio para todos nós que nossos estilos de vida exteriores vêm sofrendo alterações drásticas em direta consequência do avanço científico. O que geralmente nos escapa, contudo, é que não é menos pronunciado o impacto desse mesmo desenvolvimento sobre a nossa vida interior.¹²⁰

O ápice da tecnologia se destina à manipulação e ao controle do homem; por isso o conhecimento de si – o conhecimento interno – é desprivilegiado.

(...) em sua forma mais pura a ciência é tão somente a busca do conhecimento por si mesmo. Assim como a filosofia, ela surge do espanto, ou de uma certa

¹¹⁸ SMITH 2019, pág. 87.

¹¹⁹ *Ibidem*, pág. 200.

curiosidade pela natureza; e, sobretudo com relação aos grandes cientistas – um Einstein ou um Schroedinger – constatamos que a força motriz por trás das suas investigações científicas está a mundos de distância de qualquer pensamento em aplicação.¹²¹

A percepção pode ser considerada um instrumento que nos conduz à relação entre a consciência e os objetos, o corpo e o espírito. E através da duração é possível o conhecimento de si, um retorno a si mesmo. Desse modo, o tempo é sucessão e está voltado para o interior, enquanto o espaço é justaposição e está voltado para o exterior. Entre ambos existe uma relação recíproca, um movimento contínuo que nos leva a uma mudança constante. No movimento, o ser muda e se completa o tempo todo com várias partes de si mesmo, partes essas que formam um todo; isso só é possível porque há uma necessidade de relação entre matéria e consciência. Graças a uma consciência é que podemos pensar e constatar a liberdade, enquanto a matéria se dedica à ação, seu papel é agir. Bergson garante que o método intuitivo é o mais apropriado para a filosofia, pois conseguiria captar a realidade naquilo que ela é, ou seja, duração; enquanto o método científico capta apenas as quantidades isto é o elemento material, mas não a dinâmica da consciência.

Na concepção bergsoniana do conhecimento, a inteligência não é descartada; pelo contrário, ele afirma a fundamental importância do raciocínio intelectual na ciência e no desenvolvimento dela, buscando evidenciar a intuição como método filosófico para que o que é metafísico não se perca e seja excluído pela ciência, reconciliando de tal maneira numa única experiência ciência e filosofia, intuição e inteligência, matéria e espírito. E o método da intuição proposto por nosso autor é também de extrema importância para a compreensão de sua filosofia: com isso, ele propõe conhecer os objetos “por dentro” (isso seria o que a filosofia deve fazer), apreender os objetos em seu interior, ao passo que a ciência seria a apreensão dos objetos “por fora” (sua extensão). A filosofia trata das qualidades dos objetos a fim de compreendê-las, ao passo que a ciência compreende os objetos em termos quantitativos. O método da intuição é elaborado com o objetivo de que a filosofia faça uso dele e se torne mais concreta que abstrata na relação entre sujeito e objeto.

¹²⁰ *Ibidem*, pág. 212.

Com sua crítica às ciências positivas e com a elaboração de um método próprio para a filosofia, Bergson pretende reconhecer os limites da razão e a realidade da duração. Não se espera que a filosofia altere a sua realidade instantaneamente, mas que o processo de mudança siga seu movimento no sentido de um progresso dentro da filosofia, reconhecendo a metafísica como meio de conhecimento do espírito, e que a ciência veja a filosofia como uma aliada no processo de conhecimento; assim, como a ciência se apoia na tecnologia como instrumento de avanço, a filosofia precisa se abrir para uma metafísica tendo a intuição como meio de acesso à duração das coisas.

¹²¹ *Ibidem*, pág.216.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1 Bibliografia Primária

BERGSON, H. *As duas Fontes da Moral e da Religião*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Coimbra: Editora Livraria Almedina, 2005.

BERGSON, H. *A Energia Espiritual*. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BERGSON, H. *A Evolução Criadora*. Tradução: Pedro Elói Duarte. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2001.

BERGSON, H. *Aulas de Psicologia e de metafísica: Clermont-Ferrand, 1887-1888*. Tradução: Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

BERGSON, H. *Duração e Simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein*. Tradução: Claudia Berliner; revisão técnica Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, H. *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência*. Tradução: João da Silva Gama. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERGSON, H. *Matéria e Memória*. Tradução: Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, H. *O Pensamento e o Movente: ensaios e conferências*. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, H. *O que Aristóteles pensou sobre o lugar*. Tradução: Anna Lia A. de Almeida Prado. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

6.2 Bibliografia Secundária

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975. *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução: Paulo Bezerra – São Paulo: Perspectiva, 2017. Título original: *Freidizm* – 1927.

BITTERBIER, Solange. *Percepção e memória em Bergson: um questionamento acerca das críticas sartrianas à Matéria e memória*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos: UFSCar. Programa de Pós graduação em Filosofia. São Carlos, 2011.

CAPPELLO, Maria Adriana C. *Crítica e ontologia na filosofia de Bergson*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: USP. Programa de Pós graduação em Filosofia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2005.

COELHO, J. G. *BERGSON: Intuição e Método Intuitivo*. Scielo, São Paulo, v.21 n.1, p.151-164, 1998/1999. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v21-22n1/v22n1a12.pdf>>. Acesso em: 03 de Maio de 2018.

COELHO, J. G. *Consciência e Matéria: o dualismo de Bergson* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 258 p. ISBN-978-85-7983-108-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo: ordem e progresso*/ Auguste Comte; tradução de Walter Solon. – São Paulo: Edipro, 2016. Título original: *Discours sur l'esprit positif: ordre et progrès* – 1848.

DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*; tradução: Lucas Simone. 1.ed. São Paulo: Hedra, 2013. Texto original: *Zapiski iz pódpol'ia* – 1861.

ELIAS, Daiane L. *Diálogo de fronteira: as noções de tempo-espaço entre a Filosofia e a História*. São Paulo: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2011.

ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico* – São Paulo: Edipro, 2010. Título original: *Die Entwicklung des sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft*.

GUIMARÃES, Myrna Botelho de Barros. *A QUALIDADE DO PENSAMENTO EM BERGSON*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1989.

MONTEIRO, G. *A medida do tempo: Intuição e Inteligência em Bergson*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador: 2008.

MONTEIRO, G. *Bergson e a reconstrução da metafísica*. Tese de Doutorado – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador: 2014.

PRADO JÚNIOR, Bento. *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SAHM, Estela. *Bergson e Proust: sobre a representação da passagem do tempo*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SAYEGH, Astrid. *Bergson: o método intuitivo: uma abordagem positiva do espírito*. 2^a ed. São Paulo: Humanitas, 2008.

SENA, Cesar C. *Bergson e o Enigma do Tempo*. RJ: Breviário de Filosofia Pública – UFF, 11/2015. Páginas 88-96.

SILVA, Adelmo. J. *O impulso vital enquanto princípio explicativo da evolução no pensamento Bergsoniano*. Universidade Federal de São João Del Rei: Revista Eletrônica do Grupo PET – Ano II – Número II – Janeiro a Dezembro de 2006.

SMITH, Wolfgang. *Cosmos e Transcendência: rompendo a barreira da crença cientificista*. Tradução: Percival de Carvalho – Campinas, SP: VIDE Editorial, 2019. Título original: *Cosmos and Transcendence: Breaking Through the Barrier of Scientific Belief* – 2008.

MARQUES, Silene Torres. *Ser, tempo e liberdade: as dimensões da ação livre na filosofia de Henri Bergson*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006.

MASCARENHAS, Aristeu. L. C. *Bergson e Kant: o problema do tempo e os limites da intuição*. Trans/form/ação, Marília, v.40, n. 2, p. 103-124, Abr./Jun. 2017.

ROSSETI, Regina. *Movimento e Totalidade em Bergson: a Essência Imanente da Realidade Movente*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. *Compreender Bergson*. Tradução: Mariana de Almeida Campos. Petrópolis: RJ: Vozes, 2007.